



Ano 58
241
Agosto 2011

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação
das Indústrias do Estado de Goiás



A CORRIDA PELO FUTURO

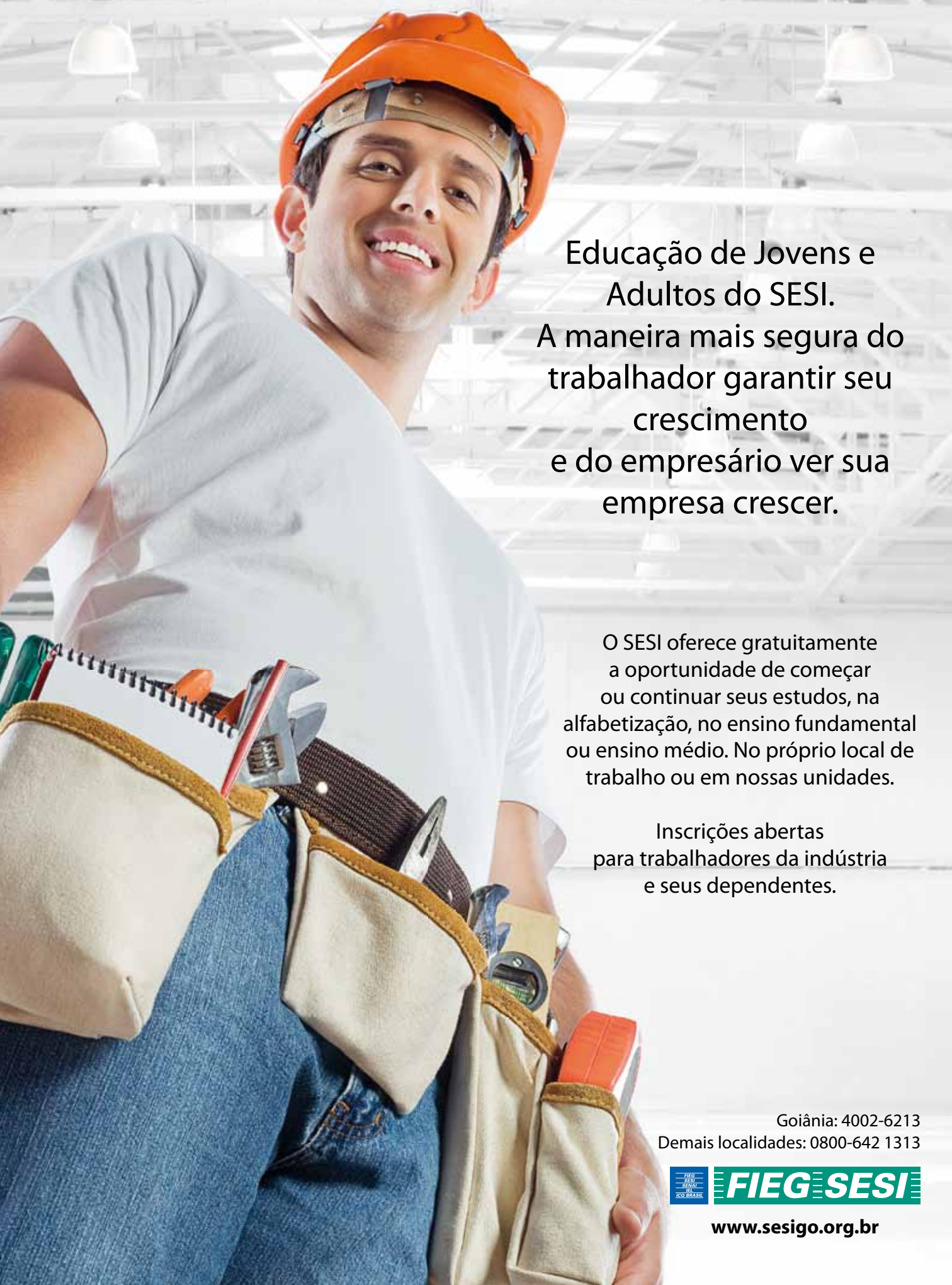
Em busca de sustentabilidade e de maior eficiência, cadeias do agronegócio goiano desenvolvem projeto para superar gargalos e consolidar sua competitividade global

ENTREVISTA
Os projetos para recuperar e modernizar a infraestrutura no Estado deverão ser tocados em parceria com o setor privado, afirma o secretário de Infraestrutura, Wilder Pedro de Moraes



Sesi
**'RECEITAS DE FAMÍLIA',
REALITY SHOW DA SAÚDE**

Senai
**TECNOLOGIA AJUDA A
PRODUZIR MAIS MINÉRIOS**



Educação de Jovens e
Adultos do Sesi.
A maneira mais segura do
trabalhador garantir seu
crescimento
e do empresário ver sua
empresa crescer.

O Sesi oferece gratuitamente
a oportunidade de começar
ou continuar seus estudos, na
alfabetização, no ensino fundamental
ou ensino médio. No próprio local de
trabalho ou em nossas unidades.

Inscrições abertas
para trabalhadores da indústria
e seus dependentes.

Goiânia: 4002-6213
Demais localidades: 0800-642 1313



FIEG Sesi

www.sesigo.org.br

“Vamos ficar passivos diante da ameaça de extinção dos incentivos fiscais, decisivos para o desenvolvimento do Centro-Oeste, Norte e Nordeste?”

Pedro Alves de Oliveira

Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás



CENTRO-OESTE PÕE BLOCO NA RUA

Se, historicamente, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal enfrentam dificuldades para unir a classe política em defesa do desenvolvimento e da integração da região, o setor produtivo dá demonstração inequívoca de coesão, ao criar o Fórum das Entidades do Setor Produtivo do Centro-Oeste. O bloco nasceu forte em Campo Grande (MS), sede da série de Encontros Empresariais Centro-Oeste – Integrar e Desenvolver, mobilizando os representantes da indústria, do comércio e da agricultura dos três Estados e do DF.

A causa é justa e o momento, oportuno. Afinal, vai entrar na pauta do Congresso Nacional a proposta do governo federal de reforma tributária. A hora é agora ou nunca. Vamos ficar passivos diante da ameaça de extinção dos incentivos fiscais, decisivos para o desenvolvimento do Centro-Oeste, Norte e Nordeste?

O Manifesto das Entidades do Setor Produtivo do Centro-Oeste, lançado em Campo Grande, reúne propostas capazes de garantir o desenvolvimento regional de forma integrada e permanente.

No caso da Sudeco, o sonho que nasceu menor do que o sonhado, é necessário manter o Fórum como canal de comunicação permanente com a Superintendência; tornar paritária a participação público-privada dos membros no Condel-Sudeco, passando a contar com as presenças permanentes de todas as federações dos Estados e do Distrito Federal; ampliar o número de instituições financeiras autorizadas, preferencialmente as cooperativas de crédito, a operar os recursos do FCO, bem como o FDCO.

Quanto à reforma tributária, o ponto mais importante de nossa Carta de Campo Grande é o que

propõe a alteração do quórum de aprovação do Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária), dos atuais 100% para 3/5 dos participantes. O Manifesto inclui, ainda, as seguintes medidas: convalidação dos incentivos fiscais concedidos em projetos regularmente aprovados, em nome da segurança jurídica, do princípio do direito adquirido e do ato jurídico perfeito; desoneração da folha de pagamento sem que haja elevação ou a criação de outros tributos para compensação; nivelar o subteto do Super Simples, de acordo com a legislação federal, fazendo com que todos os Estados tenham o mesmo tratamento tributário; alteração da Lei Complementar 123/06 vedando aos Estados a cobrança adicional de ICMS-ST ou ICMS garantido; homologação dos créditos de ICMS dos insumos e de exportação como diretrizes de apoio ao desenvolvimento regional; como garantia de ressarcimento dos créditos da Lei Kandir, que os Estados tenham base de apoio para compensação dos seus créditos com as suas respectivas dívidas com a União.

A logística também recebeu atenção especial, com as propostas de manutenção e ampliação dos investimentos nos setores de energia e transporte em âmbito nacional, criação do projeto logístico do Centro-Oeste Competitivo com o apoio institucional da CNI, CNC e CNA e, ainda, apoio irrestrito à aprovação do projeto do novo Código Florestal Brasileiro e agilização na operacionalização e conclusão das ferrovias Norte-Sul e Leste-Oeste.

É hora de fazer valer o imenso potencial do Centro-Oeste, revertendo as desigualdades regionais, diante da concentração da geração de riquezas no Sudeste e Sul do País, em detrimento das demais regiões do País.

>> CAPA



26 O agronegócio já responde por quase um quarto da arrecadação total do ICMS em Goiás e por 75% das exportações. A necessidade de ampliar a oferta de alimentos para o mundo impõe novos desafios, mas cria oportunidades de crescimento sustentável e de longo prazo, que o setor tenta captar por meio do projeto Construindo Juntos o Futuro do Agronegócio em Goiás. Estudo das cadeias dos segmentos de grãos (milho e soja), lácteos, carnes e sucoenergia deflagra programa este ano.

>> ENTREVISTA

8 O governo do Estado aposta no desenvolvimento de parcerias com o setor privado para enfrentar os grandes gargalos, afirma o secretário de Infraestrutura, Wilder Pedro de Moraes. A modelagem de parcerias público-privadas, afirma ele, está sendo considerada para colocar de pé projetos como a implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) no eixo Leste-Oeste, em Goiânia, construção e gestão de hospitais, presídios, expansão do sistema de saneamento básico e da rede de distribuição de energia.

>> SESI GOIÁS

13 Realizado pelo Conselho Nacional do Sesi, o reality show *Receitas de Família* reforça os objetivos do Programa Sesi Cozinha Brasil, iniciativa que contribui para vida mais saudável do trabalhador da indústria, ao ensinar a preparar alimentos de forma inteligente e sem desperdício. Família goiana (foto) participa.



>> SENAI GOIÁS

16 Estudo desenvolvido em conjunto pela Votorantim Metais (foto) e pela Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia permitiu o desenvolvimento de nova tecnologia para extração de níquel e cobalto, com otimização de recursos e aumento da produtividade. Entre outros avanços, será possível aumentar em 5% a produção de cobalto, metal cotado a US\$ 40 mil por tonelada no mercado internacional.



» IEL GOIÁS

19 A primeira Rodada de Negócios do Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF), organizada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) e Sebrae, em Goiânia, reuniu 42 empresas e gerou a perspectiva de concretização de negócios de R\$ 5,7 milhões.



» ICQ BRASIL

23 O representante da alta direção de uma corporação desempenha papel estratégico na implantação e manutenção de sistemas de gestão da qualidade. Esse será o tema do 6º Encontro Nacional de Representantes da Direção e Profissionais da Qualidade, que o ICQ Brasil promove em setembro.

» PAPPE INTEGRAÇÃO

24 O Programa de Subvenção à Pesquisa em Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pappe Integração) prevê a destinação de R\$ 16,5 milhões para financiar projetos inovadores de MPE em Goiás. É a primeira vez que o Estado participa do edital, lançado no dia 4 de julho. Incluindo a contrapartida das empresas, o volume do investimento poderá alcançar R\$ 18,150 milhões.

» PROCOMPI

38 A indústria goiana de móveis iniciou a segunda etapa do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), cuja meta é qualificar 25 fabricantes que participam do Arranjo Produtivo Local (APL) instalado na Região Metropolitana de Goiânia. Esse grupo de empresas pretende ampliar sua participação no mercado goiano e explorar oportunidades de negócios em outros Estados.

» COMÉRCIO EXTERIOR

40 Numa contribuição ao Mapa Estratégico da Indústria Goiana, a equipe técnica da Secretaria de Gestão e Planejamento de Goiás (Segplan-GO) desenvolveu o estudo A Infraestrutura e os Pontos de Escoamento das Exportações Goianas, sugerindo o incremento das políticas públicas de apoio ao setor industrial exportador para que o Estado possa atingir as metas estabelecidas para 2020.



» MADE IN GOIÁS

41 A Só Placas, empresa goiana fabricante de placas de sinalização, decidiu focar seu negócio na produção sustentável, com uso de embalagens PET recicladas. Deu tão certo que a empresa, informa Paulo Silva (foto), seu diretor comercial e sócio, está investindo na duplicação de sua capacidade e tem planos de montar filiais em Brasília e Campinas (SP).

GOIÁS INDUSTRIAL



Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Geraldo Neto

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem

Andelaide Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Jávier Godinho e Nathalya Toaliari

Colaboração

Wellington da Silva Vieira

Fotografia:

Sílvio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações

Gabriel Martins e Chico Santos

Projeto gráfico

Wesley Cesar

Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing

Rua S-6 nº 129, Sala 01, Setor Bela Vista (62) 3242-9095

www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade

Valéria Aquino (62) 9242-1377 e 8113-3148
valeriaraquino@gmail.com

Fotolito e impressão

Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:

Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO Fone (62) 3219-1300 Fax (62) 3229-2975

Home page:

www.sistemafieg.org.br

E-mail

fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente:

Ubiratan da Silva Lopes

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail:

nureaps@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional:

Pedro Alves de Oliveira

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves

Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação

Qualidade Brasil

Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro

Superintendente: Tatiana Jucá

Diretoria da FIEG

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente

Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente

Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente

Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário

Marley Antônio da Rocha

2º Secretário

Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro

André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro

Hélio Naves

Diretores

Segundo Braoios Martinez

Sandro Marques Scodro

Orizomar Araújo Siqueira

Ubiratan da Silva Lopes

Manoel Paulino Barbosa

Robson Peixoto Braga

Roberto Elias de L. Fernandes

José Luis Martin Abuli

Álvaro Otávio Dantas Maia

Eurípedes Felizardo Nunes

Jair Rizzi

Henrique W. Morg de Andrade

Eduardo Gonçalves

Leopoldo Moreira Neto

Flávio Paiva Ferrari

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Daniel Viana

Osvaldo Ribeiro de Abreu

Elvis Roberson Pinto

Eduardo José de Farias

Valdenício Rodrigues de Andrade

Ailton Aires de Mesquita

Hermínio Ometto Neto

Carlos Alberto Vieira Soares

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

Josélio Vitor da Paixão

Jaime Canedo

Conselho Fiscal

Justo O. D'Abreu Cordeiro

Laerte Simão

Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira

Sandro Antônio Scodro

Conselho de

Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior

Ailton Aires Mesquita

Alyson José Nogueira

Álvaro Otávio Dantas Maia

Ananias Justino Jaime

Aurelino Antônio dos Santos

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Queiroz de Paula e Silva

Carlos Roberto Viana

Cyro Miranda Gifford Júnior

Daniel Viana

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Cunha Zuppani

Eduardo Gonçalves

Elvis Roberson Pinto

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Flávio Paiva Ferrari

Francisco Gonzaga Pontes

Gilberto Martins da Costa

Henrique Wilhem Morg de Andrade

Hermínio Ometto Neto

Hélio Naves

Heribaldo Egídio

Jaime Canedo

Jair Rizzi

Jairo França

João Essado

Joaquim Cordeiro de Lima

José Alves Pereira

José Antônio Vitti

José Batista Júnior

José Divino Arruda

José Luiz Martin Abuli

José Romualdo Maranhão

José Vieira Gomide Júnior

Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro

Laerte Simão

Leopoldo Moreira Neto

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Luiz Rézio

Manoel Paulino Barbosa

Manoel Silvestre Álvares da Silva

Marley Antônio Rocha

Marcelo José Carneiro

Moacyr Rabello Leite Neto

Nilton Pinheiro de Melo

Orizomar Araújo de Siqueira

Pedro Alves de Oliveira

Pedro Daniel Bittar

Pedro de Souza Cunha Júnior

Plínio Boechat Lopes

Ricardo Araújo

Roberto Elias de Lima Fernandes

Robson Peixoto Braga

Rodolfo Luis Xavier Vergílio

Sandro Antônio Scodro Mabel

Sávio Cruvinel Câmara

Segundo Braoios Martinez

Ubiratan da Silva Lopes

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wellington Soares Carrijo

Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Vice-Presidente

Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente

Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente

Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente

Célio de Oliveira

Vice-Presidente

Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária

Presidente

Eduardo Zuppani

Vice-Presidente

José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente

Orizomar Araújo de Siqueira

Vice-Presidente

Ricardo Roriz

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente

Leopoldo Moreira Neto

Vice-Presidente

Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente

Antônio de Sousa Almeida

Vice-Presidente

Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente

Igor Montenegro

Vice-Presidente

Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente

Emílio Bittar

Vice-Presidente

José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente

André Lavor Pagels Barbosa

Vice-Presidente

Thomaz Antônio Pompeo de Pina

Rede Metrológica Goiás

Presidente

Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração

Presidente

José Antônio Vitti

Vice-Presidente

Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Carlos Queiroz de Paula e Silva
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINCAFÉ

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SINDAGO

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Moacyr Rabello Leite Neto
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarne@sistemafieg.org.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Eurípedes Felizardo Nunes
Rua Costa Gomes, nº 143
Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462 contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Aurelino Antônio dos Santos
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3212-3970
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edison Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Ananias Justino Jaime
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: Ailton Aires Mesquita
Telefone (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Manoel Paulino Barbosa
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703 sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Calário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3225-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Jaime Canedo
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Anápolis

**Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
sind.industria@terra.com.br**

SIAA

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Marçal Henrique Soares

SIMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 35 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

TODAS AS FICHAS NESSA PARCERIA

O governo do Estado aposta no desenvolvimento de parcerias com o setor privado para enfrentar os grandes gargalos em sua infraestrutura, num desafio que exigirá ainda uma participação não desprezível de aportes de recursos federais. A criação do Fundo de Transportes, proposto pelo governo e aprovado pela Assembleia Legislativa, permitirá que a administração tucana dê a largada nos planos já definidos para a malha viária. Em entrevista concedida à **Goiás Industrial**, o empresário do setor da construção e secretário de Infraestrutura, Wilder Pedro de Moraes, indica que a constituição de Parcerias Público-Privadas (PPPs) vem sendo considerada como uma alternativa para colocar de pé uma série de projetos tidos como relevantes.

Goiás Industrial – Qual era a situação da infraestrutura do Estado quando o atual governo tomou posse, em janeiro deste ano?

Wilder Pedro de Moraes – Primeiro, recebemos o governo já com a folha de pagamentos em atraso, devendo R\$ 580 milhões. Nos primeiros dez dias, a Secretaria de Infraestrutura, juntamente com a Agetop (Agência Goiana de Transportes e Obras), formou uma equipe para dar uma volta em todo o Estado e verificar as condições em que se encontrava a malha viária estadual, incluindo os 10 mil quilômetros asfaltados e os demais 10 mil sem asfalto. Praticamente 60% das rodovias asfaltadas apresentavam problemas sérios.

Em torno de 4 mil quilômetros terão de ser refeitos, reconstruídos integralmente. Outros 2 mil quilômetros encontravam-se em péssimas condições, exigindo restauração e manutenção. Com esse levantamento, tivemos condições de apresentar ao governador e à imprensa, na época, a situação da malha, que não havia recebido investimentos em manutenção nesses últimos quatro anos.

Goiás Industrial – Quais as alternativas disponíveis para reparar a malha?

Moraes – A única saída que tínhamos, e estamos falando apenas do que já estava pronto, seria a criação de um fundo de transporte porque seria muito difícil tentar, dentro do governo, buscar recursos todos os anos para fazer essa recuperação. O Jayme (Rincon, presidente da Agetop) foi o idealizador dessa proposta e o governador comprou a ideia. Logo em seguida, começamos a trabalhar, fomos a São Paulo e a outros Estados, nos reunimos com grupos de advogados, para entender como montar esse fundo. A proposta foi para a Assembleia, foi aprovada e hoje temos o fundo que deverá gerar recursos de R\$ 1,5 bilhão em quatro anos, que serão destinados exclusivamente para fazer a reconstrução, ma-



nutenção e conservação desses 10 mil quilômetros asfaltados e dos demais trechos ainda não asfaltados.

Goiás Industrial – Há alguma previsão para asfaltamento desses outros 10 mil quilômetros de rodovias?

Morais – O governo definiu em seu planejamento, em uma primeira etapa, fazer a manutenção de tudo isso que acabei de citar. A segunda etapa prevê a retomada de todas as obras que já foram começadas e que estão paralisadas por algum período. Num exemplo, já foram retomadas as obras de conclusão do Centro Cultural Oscar Niemeyer, do Centro de Excelência e de algumas rodovias que também estavam paradas e que serão retomadas agora também. Em terceiro lugar, está previsto, talvez para o próximo ano, o lançamento de novos trechos e novas obras.

Goiás Industrial – Já há uma previsão de quais serão essas novas obras?

Morais – Isso está sendo estudado desde o início do governo. Vamos ter alguns trechos de rodovias. O governo, por meio de concessões à iniciativa privada, tem a ideia de fazer a duplicação da rodovia de Goiânia a Catalão, de Inhumas à cidade de Goiás, de Nerópolis até a BR-153 e de Goiânia a São Luiz dos Montes Belos. Esses projetos estão no nosso plano de governo e até o final deste mandato esperamos poder duplicar essas rodovias e nossa intenção é que isso ocorra com a parceria da iniciativa privada, por meio de PPPs (parcerias público-privadas). Os recursos do fundo de transportes, conforme disse, serão aplicados exclusivamente na reconstrução, manutenção e conservação de estradas. Se você fizer uma comparação, se na história de Goiás foram asfaltados 10 mil quilômetros de rodovias e vamos reconstruir 4 mil quilômetros, então esse será o maior programa da história do Estado no setor de infraestrutura.

Goiás Industrial – Quais são os outros projetos que fazem parte do planejamento do governo para o setor?

Morais – Estamos trabalhando no projeto do

VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) para o eixo Leste-Oeste, em Goiânia. O projeto original vai sair do terminal Padre Pelágio até o Novo Mundo, mas já com previsão de expansão até Senador Canedo, de um lado, e também até Trindade, no outro extremo, por meio de parcerias com a iniciativa privada.

Goiás Industrial – O que o governo estuda oferecer ao setor privado, nessas parcerias, como contraprestação?

Morais – O Estado tem de participar e tem de apresentar sua contrapartida. Estamos realizando várias reuniões para estudar a formação disso e a ideia é que a iniciativa privada possa vir a fazer vários negócios com o governo, em vários setores, não só na área de rodovias, mas também nos setores de energia, de saneamento, no VLT. A PPP é muita ampla e estamos estudando vários projetos que o governo acredita que poderão ser feitos por meio de parcerias. Podemos ter PPP nos casos da Ceasa, da Iquego, de presídios, hospitais. Atualmente, estão em estudo projetos de parceria para dois hospitais públicos em Goiás. Há empresas privadas estudando propostas para a Iquego e o Estado está aberto para discuti-las. Isso inclui ainda a parte de eletrificação. Goiás dispõe de grande potencial hidrelétrico, mas faltam redes de transmissão e subestações, onde poderemos ter a participação da iniciativa privada.

Goiás Industrial – Essa contraprestação do Estado viria de que forma, via tarifa, por meio de recursos do Tesouro?

Morais – Cada PPP tem sua particularidade. No caso do VLT, esse projeto não tem sua viabilidade econômico-financeira definida só pela parte do empreendedor. Então, o Estado vai ter

“Se na história de Goiás foram asfaltados 10 mil quilômetros de rodovias e vamos reconstruir 4 mil quilômetros, então esse será o maior programa da história do Estado no setor de infraestrutura”

de apresentar sua contrapartida, logicamente, com a tarifa do transporte, mais alguma outra forma de contraprestação para que o projeto tenha viabilidade e atraia o interesse de grupos privados, tendo em vista a perspectiva de recuperar seu capital durante o prazo da concessão, de 20 ou 30 anos.

Goiás Industrial – Na área de energia, que é um setor crítico, o que se pode esperar?

Morais – No caso da Celg, todos têm acompanhado, estamos tentando achar a solução de engenharia financeira para recuperar a empresa, diante de um endividamento de quase R\$ 6 bilhões. Com o trabalho do vice-governador José Eliton (presidente da Celg), inclusive em parceria com o banco Credit Suisse, estamos tentando encontrar uma solução, seja por meio de parceiros interessados em adquirir até limite de 40% das ações, seja em negociação com a Eletrobras. O problema da Celg é que há vários

anos a empresa não pode fazer correção de sua tarifa e seus custos continuam aumentando, afetando o fluxo de caixa. A primeira solução é resolver o problema financeiro da Celg para podermos voltar a investir em redes e subestações e, assim, retomar o desenvolvimento do Estado. Essa é nossa missão hoje e o vice-governador está desenvolvendo um grande trabalho para podermos retomar os investimentos na Celg.

Goiás Industrial – O modelo de PPP poderá ser aplicado no caso da Celg também?

Morais – Sim, com certeza. Inclusive, acho que neste caso haveria até grande facilidade, porque você tem a ponta de quem está precisando de energia e, na verdade, o próprio investidor poderia fazer isso. Por exemplo, uma indústria que está vindo para Edealina (Votorantim Cimentos) já tem a ideia de fazer os investimentos nas redes e em todo o sistema de distribuição para fazer um ajuste depois com a Celg.

“Devemos pensar um pouco mais longe, concebendo um projeto (para o aeroporto) que possa inserir o Estado em uma rota de voos internacionais”



Goiás Industrial – Qual a visão da secretaria em relação a grandes projetos para a área de infraestrutura que estão previstos para Goiás, como nos casos do gasoduto, do etanoloduto e da expansão da Hidrovia Paraná-Tietê-Paranaíba?

Morais – A Goiásgás, que está ligada à Seinfra, tem desenvolvido um trabalho muito grande para conscientizar e até alertar o governo federal sobre a questão do gasoduto. Já foi definido pelo governo da presidente Dilma (Rousseff) que o gasoduto previsto de São Paulo até Uberaba vai chegar a Uberlândia. Nossa preocupação – e a ideia nossa é envolver o governo de Goiás e do Distrito Federal nessa negociação – é que esse gasoduto passe por Goiás e chegue até Brasília. A grande discussão é que, se o trecho até Uberaba e Uberlândia for construído na bitola de 12 polegadas, Goiás não poderá aproveitar quase 400 quilômetros do duto, porque ele não terá capacidade para vir abastecer, depois, os mercados de Goiás e de Brasília. Nossa intenção é que, no mínimo, o governo de Minas Gerais e a Petrobras façam esse gasoduto com o diâmetro de 20 polegadas, para que, amanhã, Goiás possa, por meio da iniciativa privada ou

juntamente com o governo federal, trazer esse gasoduto até o Estado.

Goiás Industrial – No caso do etanolduto...

Morais – Esse projeto já está nascendo na iniciativa privada. Então, possivelmente, não devermos ter tanta dificuldade. Por quê? Porque Goiás e Brasília ainda não asseguram viabilidade econômica para ter um gasoduto. Mas é aquela história que sempre cito. Temos primeiro de fazer a estrada para depois passar os carros. Não tem viabilidade porque não tem o gasoduto. Essa demanda pode ser estimulada. No caso de Uberaba, o gasoduto está sendo construído para atender a uma planta de amônia da Petrobras.

Goiás Industrial – A secretaria espera que a Ferrovia Norte-Sul, depois de adiamentos consecutivos, entre mesmo em operação ainda neste ano?

Morais – Participamos de um seminário em Cuiabá sobre a Norte-Sul no Centro-Oeste e a informação é de que a operação deve se iniciar neste ano. A posição geográfica do Estado é muito importante quando se leva em conta a perspectiva de distribuição para o restante do País. Mas, quando se fala em exportação de commodities agrícolas e minerais, a distância para os portos inviabiliza ou reduz a competitividade do Estado. Com a ferrovia, teremos um salto muito grande para Goiás, tornando as exportações do agronegócio e do setor mineral mais competitivas, acelerando acentuadamente o crescimento do Estado.

Goiás Industrial – E a novela do aeroporto Santa Genoveva?

Morais – Sobre isso, fizemos recentemente uma comissão do Fórum Empresarial, juntamente com o secretário municipal de Planejamen-

to, Urbanismo e Fiscalização, Roberto Elias Fernandes, e estamos desenvolvendo um trabalho grande junto à Infraero. Apresentamos um novo projeto, que contempla a expansão da pista de pouco para 3,5 mil metros, passando sobre a BR-153, porque, se for implantado o projeto anterior, já estaríamos com o aeroporto novamente saturado. Levamos estudos e índices para a Infraero comprovando que a demanda no Estado cresce acima da média nacional. Diante de toda essa movimentação e da proximidade de Brasília, que atualmente também enfrenta dificuldades para atender à demanda em seu aeroporto, devemos pensar um pouco mais longe, concebendo um projeto que possa inserir o Estado em uma rota de voos internacionais. Apresentamos o projeto e a Infraero gostou. Estamos em conversação com a Embrapa, dona da área que poderia receber a expansão da pista. Também estamos conversando com a Infraero sobre essa nova modelagem, tendo em vista que a empresa está desenvolvendo um segundo projeto para o aeroporto, que vai aproveitar o que já está pronto, construindo mais módulos para que Goiânia possa ter um aeroporto que possa receber até 6 milhões de passageiros por ano. Hoje, mesmo com o puxadinho, que vai acrescentar uma capacidade para 600 mil pessoas por ano, o aeroporto já ultrapassou sua capacidade, recebendo, no ano passado, 2,3 milhões de passageiros. Numa coincidência, a Infraero tinha esses índices nas mãos, mostrando o crescimento do Estado acima da média brasileira. Alertamos ainda que Goiás tem um problema de fluxo, embora não seja cidade-sede da Copa de 2014. Nosso crescimento é natural, independe da Copa. Mostramos que a capital pode ser uma subsede durante a Copa do Mundo e foi confirmada sua participação como sede na próxima Copa América, em 2015.

“O governo do Estado é parceiro da indústria e vamos fazer todo o esforço possível para encontrar soluções adequadas, porque (...) para um Estado se desenvolver e gerar riquezas ele tem de se apoiar (...) nos investimentos da iniciativa privada”



“Impedir o uso do ICMS para fomentar o desenvolvimento é comprometer o pacto federativo e a autonomia dos Estados”

Marley Antônio da Rocha

Primeiro secretário da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg)

INCENTIVOS E AUTONOMIA

Estamos vivendo momento particularmente importante para a sobrevivência dos incentivos fiscais. Os questionamentos ao Supremo Tribunal Federal sobre concessões feitas pelos Estados sem a aprovação do Confaz começaram a ser julgados e os resultados foram desfavoráveis.

É consenso que os incentivos fiscais foram fundamentais para o desenvolvimento de Goiás, o que permitiu saltos significativos na melhoria das condições de vida do povo goiano. Num país com as dimensões do Brasil, com desigualdades regionais acentuadas, é indispensável a existência de mecanismos que possibilitem a redução das vantagens competitivas das unidades federativas mais industrializadas, com melhor infraestrutura e maior proximidade dos mercados consumidores. Os Estados brasileiros mais desenvolvidos sempre receberam estímulos e forte apoio do governo federal, inclusive com incentivos fiscais para seu crescimento.

Diferentemente do que ocorreu no passado, quando o governo federal, por meio da Sudam e Sudene, colocou dinheiro público em empresas das regiões Norte e Nordeste, muitas das quais nunca saíram do papel, os incentivos fiscais concedidos via Fomentar/Produzir geram efeito após as empresas entrarem em funcionamento, ou seja, já estarem produzindo e gerando todos os efeitos benéficos da atividade, inclusive recolhendo uma parcela do ICMS devido e a totalidade de todos os demais impostos e contribuições. Impedir o uso do ICMS para fomentar o desenvolvimento é comprometer o pacto federativo e a autonomia dos Estados.

Convalidar no Confaz os incentivos fiscais é ne-



cessário pela sua repercussão nas demais unidades da federação, mas é inaceitável que as decisões do Confaz tenham de ter unanimidade. Como podemos admitir um colegiado que fica impedido de tomar decisões se apenas um de seus membros for contrário? Unanimidade em quaisquer circunstâncias é extremamente difícil, ainda mais num país plural como o Brasil. Exigir que 26 Estados e o Distrito Federal concordem em questões complexas como o tratamento de tributos é impedir que se tomem decisões sobre quaisquer questões mais relevantes. Urge a alteração do quórum para as decisões do Confaz. Se é possível alterar a Constituição brasileira com a aprovação de três quintos do Congresso Nacional, não se justifica a camisa de força do Confaz.

Temos de mobilizar a sociedade goiana, governo, políticos sem distinção de cor partidária, entidades de classe e empresários para preservarmos nossa autonomia e o direito de decidirmos sobre nosso destino.



Os Mesquita reunidos: dieta mais racional e satisfação com os bons resultados alcançados

MUDANÇA DE HÁBITOS

O reality show *Receitas de Família*, parte do Programa Sesi Cozinha Brasil, desafia famílias a assumir alimentação mais saudável, sem perder o sabor

Daniela Ribeiro

O sal, as carnes, a pipoca, os sanduíches e a banana de porco sempre estiveram presentes na mesa da família Mesquita, de Goiânia. Os conselhos de Elzimarís Fernandes Costa Mesquita, de 51, não eram suficientes para produzir a mudança de hábitos do marido, César Mesquita, de 53 anos, e do filho, Washington Mesquita, de 29. O primeiro adquiriu hipertensão e o segundo passou a sofrer com aumento de peso. A filha do casal, Thaís Fernandes Mesquita, resolveu então sugerir que os familiares participassem do reality show *Receitas de Família*, do Programa Sesi Cozinha Brasil, iniciativa que contribui para vida mais saudável do trabalhador da indústria, ao ensinar a preparar alimentos de forma inteligente e sem desperdício (veja box).

A ideia de Thaís foi aceita pelos familiares. Du-

rante um mês os Mesquita ficaram frente a frente com seus hábitos alimentares e foram desafiados a adotar nova atitude diante do fogão e da geladeira, no programa exibido pela TV Brasil. Escolhida pelo Sesi para comandar e apresentar o programa em cidades de cinco regiões do País, entre elas Goiânia, a chef de cozinha e nutricionista Aline Rissato mostrou que é possível combinar saúde e sabor na mesma receita, estimulando a mudança de hábitos. Entre o abrir e o fechar da geladeira, até mesmo quem tem restrições alimentares – como diabéticos, hipertensos, obesos e cardíacos – aprenderam a montar um cardápio especial, comendo de forma correta e prazerosa, com alimentos da estação e da região. Elzimarís conta que sempre gostou de frutas e verduras, mas enfrentava resistência de seus familiares, que ela insistia em conscientizar que estavam comendo errado.

“É DIFÍCIL TIRAR TUDO DE UMA VEZ”

Thaís encarou a oportunidade como uma forma de melhorar a qualidade de vida do pai e do irmão. “Os resultados dos exames do meu pai sempre eram ruins. Ele falava que precisava mudar, mas sozinho não conseguia.” A filha



Narizes torcidos: resistência inicial à nova dieta sugerida pela nutricionista

mais nova diz que o programa foi uma forma da família alterar os hábitos sem forçar o cotidiano.

Mesmo que de maneira sutil, os hábitos dos Mesquita foram modificados. O sal já não é levado para a mesa e os temperos prontos industrializados foram substituídos por molhos ensinados pela nutricionista. A banha ainda é usada, mas em menor quantidade. “Não tínhamos noção do que era errado”, diz Elzimar. “É difícil tirar tudo de uma vez, mas hoje fazemos e sabemos que faz mal”, completa Thaís.

Os conselhos da nutricionista ficaram na cabeça de Elzimar. “Sempre que vou cozinhar, me lembro das coisas que ela me falou”, diz. E não foi apenas a alimentação que mudou na casa dos Mesquita. Ela revela que o armário está mais organizado e que passou a armazenar melhor os alimentos. “Essa experiência foi muito boa para a gente.”

A nutricionista Aline Rissato ressalta que o objetivo na casa dos Mesquita era preservar os costumes regionais, inserindo hábitos saudáveis. “Eles consumiam muita gordura e sódio, o que causa doenças degenerativas”, explica. Um prato frequente na mesa da família, a “galinha de panela” começou a ser preparada sem sal. “No final eles perceberam que era possível o alimento ficar gostoso sendo preparado de forma diferente.”

CARDÁPIO ESPIONADO EM 5 REGIÕES

Além dos goianos, a produção entrou na casa de seis famílias de São Paulo (SP), Brasília (DF), Belém (PA), Curitiba (PR) e da Região Nordeste. A equipe “espionou” hábitos alimentares e cardápios do dia a dia. Em todos os programas, a nutricionista e chef de cozinha Aline Rissato foi às compras, pôs ordem na despensa, mexeu nas panelas e sentou-se à mesa das famílias Silva, Cruz, Mesquita, Franco, Viana Paes e Rodrigues. O programa é realizado pelo Conselho Nacional do Sesi, em parceria com a TV Brasil, e produzido pela Cinevídeo. Apresentado aos sábados, às 14h30, na TV Brasil, o Receitas de Família é

composto por 36 episódios e começou a ser exibido no dia 27 de maio. Os episódios da família goiana começaram a ir ao ar dia 2 de julho.

Segundo a coordenadora nacional do Cozinha Brasil, Gina Marini Ferreira, a intenção do reality show é levar os conceitos do programa Cozinha Brasil para dentro da casa dos brasileiros, mostrando que é possível fazer simples mudanças no dia a dia que podem oferecer mais qualidade de vida. “As dicas são básicas e acessíveis a todos: organizar bem o tempo, manter alimentação balanceada e variada, com aproveitamento integral dos alimentos e baixo custo na preparação”.

COMO ESTÁ A MESA DOS BRASILEIROS

Estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado recentemente, mostra que os brasileiros cada dia mais se alimentam de forma inadequada. A pesquisa indica, por exemplo, que a população diminuiu drasticamente a compra de itens básicos como arroz, feijão e açúcar e que as frutas e verduras, que deveriam corresponder a uma proporção entre 9% e 12% das calorias diárias ingeridas, representam apenas 2,8%. O levantamento revela ainda que carnes, cereais, hortaliças ou frutas ocupam menos espaço do que deveriam no carrinho do supermercado. Atualmente, as bebidas e infusões são os itens mais adquiridos.

SESI COZINHA BRASIL

O Programa Sesi Cozinha Brasil une-se ao esforço mundial para erradicar a fome e a pobreza, conforme as Metas do Milênio elaboradas pelas Nações Unidas. Aproveitando todas as partes dos alimentos, inclusive o que normalmente é dispensado, como caule, talos, cascas, folhas e sementes, nutricionistas ensinam receitas saborosas e nutritivas, respeitando as diversidades regionais. Em Goiás, há duas unidades móveis e pontos fixos em Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Catalão, Itumbiara e Aruanã. O Cozinha Brasil trabalha em parceria com empresas, escolas, associações, prefeituras, instituições religiosas e órgãos não-governamentais.

COM EMPRESÁRIOS E EXECUTIVOS QUALIFICADOS, AS EMPRESAS FICAM MAIS COMPETITIVAS.



Parceria IEL e HSM Educação

Capacitação com foco na execução feita especialmente para gestores de empresas. São 80h de aulas teóricas em que são abordados temas como orçamento e controle, liderança e gestão de pessoas, estratégia empresarial, marketing e análise de viabilidade de projetos e 16h de prática empresarial focada nos problemas reais da empresa.

Benefícios:

- Conteúdo alinhado com as tendências e práticas mundiais em management;
- Elaboração de projeto para solução de problema real da empresa;
- Compartilhamento de conhecimento entre empresas;
- Soluções voltadas para a realidade local das empresas.

Uma parceria:



IEL – Instituto Euvaldo Lodi – www.ielgo.com.br
Avenida Araguaia, nº 1.544 – Casa da Indústria – Vila Nova – Goiânia-GO
Tel. (62) 3219-1444/ 1448





*Votorantim Metais:
processo permite
recuperar maior
volume de níquel e
cobalto*

PESQUISA, TECNOLOGIA, COMPETITIVIDADE

Exemplo bem-sucedido de aplicação tecnológica, projeto desenvolvido pela Votorantim em parceria com o Senai leva melhorias ao processo de extração mineral

Andelaide Lima

Lixiviação. Você tem ideia do que seja isso? A palavra pode soar estranha para muitas pessoas, mas é bastante comum entre os profissionais que atuam na atividade extrativa mineral. Em linhas gerais, lixiviação é um processo físico-químico usado para extrair metais nobres de minério, gerando produtos com enorme valor econômico. O método foi a base para criação de um dos sete projetos goianos vencedores da edição 2009 do Edital Senai Sesi de Inovação. Denominado de Estudo Detalhado das Etapas

de Lixiviação do Processo Caron, o trabalho foi desenvolvido pela Votorantim Metais, em parceria com a Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia, no Norte Goiano, cuja atuação em atendimento à empresa inclui assessoria técnica e tecnológica, além de capacitação profissional, educação, lazer e saúde.

O projeto utiliza novas tecnologias que permitem a otimização de recursos e o aumento da produtividade. Durante sua implantação na empresa, foi construída uma planta-piloto que simula o processo de lixiviação em escala menor, porém mais automatizada. Iniciados em

2009, os estudos apresentaram bons resultados que, agora, estão sendo testados em escala industrial na área de hidrometalurgia – extração de metais de minérios com utilização da água. A previsão é de que essa última fase para comprovação dos resultados obtidos seja finalizada em agosto. O trabalho foi realizado por uma equipe multidisciplinar formada por profissionais da mineradora e do Senai.

Gerente de Gestão e Processos da Votorantim Metais, em Niquelândia, Antônio Luiz Moutinho explica que o principal benefício alcançado com o projeto será o aumento do ganho na extração do cobalto – subproduto obtido do processamento de níquel. “Vamos poder retirar 5% a mais de cobalto, produto com valor de mercado que gira em torno de 40 mil dólares a tonelada. Com isso, a indústria será mais competitiva. Outra vantagem é a diminuição dos impactos ambientais, uma vez que os rejeitos terão menos teor de metais”, observa.



*Juliano de Almeida Andrade e Antônio Luiz Moutinho:
projeto de inovação garante maior produtividade para a empresa*

Para o engenheiro de Processos e Tecnologia da mineradora, Juliano de Almeida Andrade, a experiência tem mostrado resultados que possibilitam trabalhar em um processo mais controlado. “Isso garante maior produtividade para a empresa, com baixo custo.”



“O projeto de lixiviação foi um marco para a unidade porque aumentou a credibilidade da instituição e ampliou a atuação da unidade, com foco voltado para inovação tecnológica”

*Thiago Vieira Ferri, gerente da Unidade Integrada Sesi
Senai Niquelândia*

GERAÇÃO DE EMPREGO, COM QUALIFICAÇÃO

Um dos responsáveis pela pesquisa, André David, coordenador Técnico e de Serviços Tecnológicos da Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia, lembra ainda que o objetivo do projeto é oferecer soluções que reduzam a utilização de insumos e aumentem os ganhos na recuperação do níquel e cobalto do minério. Ele destaca ainda a qualificação e absorção de mão de obra como um dos vários aspectos positivos do estudo.

“Foram selecionados 21 concluintes dos cursos de química e metalurgia para atuar como estagiários no desenvolvimento da pesquisa. Durante o trabalho, eles puderam colocar em prática o que aprenderam em sala de aula. Além disso, 71% deles foram contratados pela mineradora e, os demais, foram absorvidos por empresas locais.” Foi o que aconteceu com Viviane Miranda, de 23 anos. Ex-aluna do curso técnico em química industrial, ela conseguiu estágio na Votorantim Metais e, ao final do estágio na planta-piloto de lixiviação, Viviane foi efetivada.

“SENAI TEM SIDO NOSSO MAIOR PARCEIRO”

Construída em parceria com prefeitura local, Votorantim Metais e Anglo American Brasil, a Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia, inaugurada em 2006, oferece às indústrias e à comunidade diversos produtos e serviços nas áreas de educação, capacitação profissional, lazer, saúde e responsabilidade social. A unidade realiza ainda ações conjuntas com as duas mineradoras, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da região.

A parceria mais recente com a Votorantim Metais abrange a nova linha de atuação da Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia – a de prestação de serviços técnicos e tecnológicos. “O projeto de lixiviação foi um marco para a unidade porque aumentou a credibilidade da instituição, estreitou laços de parceria, além de ampliar a atuação da unidade, com foco voltado para inovação tecnológica. Os resultados foram satisfatórios e isso nos faz acreditar que estamos no caminho certo”, avalia o gerente da Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia, Thiago Vieira Ferri.



Wagner Lourenço, gerente geral
da Votorantim Metais: parceria de sucesso

Para o gerente geral da Votorantim Metais, Wagner Lourenço, a planta de lixiviação representa mais um passo na parceria de sucesso entre a mineradora e o Senai. “A instituição tem sido nossa maior parceira na qualificação e formação de profissionais.”

NÍQUEL, CARRO-CHEFE DO NEGÓCIO

A unidade de negócio em Niquelândia passou a integrar o Grupo Votorantim em 1957. Em 1973, foram iniciados os estudos de extração e tratamento do minério, com projeto aprovado para capacidade de 5 mil toneladas de níquel por ano. A unidade realizou sua primeira expedição de carbonato de níquel em 1981. Atualmente, a planta produz 3,6 milhões de toneladas de minério por ano e destaca-se como a maior operação de extração de minério de níquel no Brasil. Considerado o carro-chefe da unidade, o níquel é produzido com grau de pureza de 99,9% e pode ser consumido por indústrias química, petroquímica, têxtil e alimentícia, além de ser utilizado na galvanoplastia, fabricação de peças fundidas, cerâmicas, entre outros. Muito usado na composição de ligas metálicas e superligas de alta resistência, o cobalto também é produzido na unidade – 1,2 mil toneladas por ano.

Além da atuação industrial, a unidade de negócio em Niquelândia desenvolve projetos de responsabilidade social em parceria com o Instituto Votorantim, como o programa Futuro em Nossas Mãos, Votorantim pela Educação, Programa Aprendiz, Programa de Educação Ambiental e Coral Sesi.



RODADA DE NEGÓCIOS

Evento organizado por IEL e Sebrae concretiza parceria para qualificar micro e pequenas empresas e gera perspectiva de mais de R\$ 5 milhões em novas transações

Célia Oliveira

O desejo de 42 empresas fornecedoras de produtos e/ou serviços ao setor industrial goiano era comum: manter contato com grandes indústrias instaladas no Estado e conversar sobre negócios, apresentar portfólio de serviços. Para algumas fornecedoras, um sonho até remoto, realizado com a primeira Rodada de Negócios do Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF), organizada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) e Sebrae, em Goiânia.

O encontro empresarial possibilitou ao fornecedor deparar com grandes e potenciais clientes bem próximos. Para muitos, uma boa surpresa, ao descobrir que podiam fornecer ou comprar de vizinhos que, até então, eram desconhecidos um do outro. “O Porto Seco Centro-Oeste está

ao meu lado em Anápolis e não nos conhecíamos. Eles têm necessidade dos meus serviços e eu tenho como atendê-los”, diz o diretor da Indcom Ambiental, Leonardo Fagundes. Para ele, a rodada foi indispensável para apresentar sua empresa. “Não poderia deixar de vir e me colocar à disposição do mercado.”

Expectativa semelhante também tem Paulo Silva, diretor comercial da Só Placas, empresa de cinco anos, situada em Goiânia, estreante em uma rodada de negócios. “Fizemos contatos com grandes empresas do Estado que no dia a dia teríamos dificuldades de nos aproximar”, revela. Com a perspectiva de aumentar os negócios em 10%, Silva se apresentou para compradoras como a Brasil Foods, Jaepel e Maktractor. “Com a Brasil Foods, espero fornecer para todas as unidades da indústria no Brasil.”



“Precisamos de fornecedores que ajudem a sustentar o crescimento da indústria automotiva”

Ercílio Azevedo, responsável pelo setor de compras da Mitsubishi

FRENTE A FRENTE COM AS GRANDES

As histórias são diferentes, mas refletem sentimento único entre os diversos segmentos abrangidos pela rodada, conforme declarações dessas micro e pequenas empresas fornecedoras. Para a catalana BUG Controle de Vetores e Pragas Urbanas, o anseio de estar frente a frente com indústrias de peso para a economia goiana era algo buscado. Segundo o diretor da empresa, Robson Costa, participar do evento é alimentar esperança de colher frutos com a exposição dos serviços. “Espero que vá nos render bons negócios”. Costa conseguiu prospectar novos clientes, falando com as indústrias Mabel e Mitsubishi. A esperança do empresário, que viajou cerca de 260 quilômetros de Catalão a Goiânia, é colher resultados de curto, médio e longo prazo. “Vislumbro oportunidades desde a apresentação da empresa até a finalização de contratos de serviços.”



Robson Costa, da BUG: “Espero que vá render bons negócios”

EM BUSCA DE FORNECEDORES

As perspectivas comerciais sobre os fornecedores participantes do PQF, advindas com a rodada, também fertilizam as necessidades das compradoras, as quais revelam interesse em adquirir produtos/serviços dentro do Estado onde se encontram, valorizando o que é local, customizando e otimizando, em muito, seus processos produtivos.

Com diretriz para atrair e qualificar fornecedores da região, o Grupo Mabel espera reverter o quadro de compras, que hoje concentra fora do Estado 60% do total de aquisições. “Nossa prioridade é encontrar fornecedores aqui”, admite Davidson Bezerra, responsável pela área de compras da indústria alimentícia, instalada em Aparecida de Goiânia.

Seguindo a legislação para efetuar suas compras, Furnas Centrais Elétricas, que não dispensa critérios e outras exigências de seus fornecedores, vislumbrou com a rodada oportunidades de estreitar relacionamentos. A demanda da subsidiária é ampla. Vai desde artigos de papelaria a combustível, o que abre aos micro e pequenos fornecedores goianos margem de 77% de negó-



Davidson Bezerra: Mabel quer ampliar compras no próprio Estado

cios, pois a participação das empresas locais foi de apenas 23% no ano 2010, demonstra Vilmar Alves, coordenador de compras. “Daí para nós a importância de estar na rodada e apresentar nossas demandas.”

Essa vivência também é da Mitsubishi, empresa âncora do PQF em Catalão. “Precisamos de fornecedores que ajudem a sustentar o crescimento da indústria automotiva que, apesar do nome estrangeiro, é uma empresa de capital nacional”, comenta Ercílio Azevedo, responsável pelo setor de compras, ao revelar que em 2009 o faturamento da montadora foi R\$ 3,5 bilhões.

“Qualidade, competitividade de preços, condição financeira estável, dados cadastrais atualizados e outros documentos em dia são algumas das exigências da indústria”, enumera Azevedo.



Vilmar Alves, de Furnas: demanda vai desde artigos de papelaria até combustíveis

O ESFORÇO PELA QUALIFICAÇÃO

Ao expor suas políticas de compras e os requisitos que os fornecedores devem ter para atendê-las, as compradoras ratificam anseios de colaborar mais com a economia do Estado. “A presença delas na rodada traduz a atenção em desenvolver fornecedores e não somente esperar que eles apareçam prontos ou caiam do céu para prestar bom atendimento”, aponta o gerente do programa, Paulo Teixeira.

Segundo ele, as indústrias estão acordando para o fato de que o fornecedor tem significativa contribuição para a posição competitiva das empresas. Elas necessitam de comprar bem, podem exigir do fornecedor, mas devem indicá-lo para programas de desenvolvimento e qualificação, a exemplo do PQF. “No universo do programa em Goiás, 460 micro e pequenos fornecedores, indicados pelas indústrias, já foram qualificados”, contabiliza Teixeira.

Qualificar micro e pequenas empresas, tornando-as aptas a fazer grandes negócios, atendendo aos requisitos da economia globalizada, é a missão do PQF que, gerenciado pelo IEL Goiás, ganhou reforço, em 2009, com a entrada do Sebrae como parceiro do programa. “Essa união se converge na soma de esforços para melhor aten-



Encontro multisetorial: previsão de negócios alcança R\$ 5,7 milhões

der, qualificar e promover negócios entre micro/pequenas e grandes empresas”, reforça o diretor técnico do Sebrae goiano, Wanderson Lemos.

De acordo com o superintendente do IEL Goiás, Humberto Rodrigues de Oliveira, a rodada atendeu à necessidade de integração empresarial entre os diversos segmentos da indústria, comércio e serviços de Goiás. “É parte do esforço do IEL e do Sebrae no sentido de fortalecer os laços comerciais entre as empresas goianas, abrindo caminho para a prosperidade da indústria local e das cadeias produtivas.”

NOVA GEOGRAFIA ECONÔMICA

Comprar, para as empresas, significa mais que a simples aquisição de um bem ou serviço, mediante pagamento. É dispor de dinheiro pensando de maneira profunda em qualidade, melhor preço, prazo, mercado consumidor.

Vender, para as micro e pequenas, especialmente quando inseridas numa cadeia produtiva, exige do empresário esforços de qualificação de atendimento, plano de crescimento e da própria venda, se pretende ampliar negócios, mercados e atender grandes indústrias.

A relação compra e venda entre uma indústria demandante e uma empresa fornecedora não se restringe ao sentimento puro da satisfação em concretizar um negócio, mas, sim, configura-se em compromisso sistemático e contributivo para a posição competitiva de ambas. Isso também explica a concepção da rodada, idealizada para ser instrumento de estímulo e fomento de negócios, de relação de compra e venda e integração empresarial.

Apenas um dia de encontro, com sete empresas âncoras e 42 fornecedores participantes do PQF em Goiás, possibilitou que ocorressem 182 oportunidades de reuniões comerciais, com expectativa de geração de negócios na cifra de R\$ 5,7 milhões. O saldo ajuda a construir nova geografia econômica e comercial entre o setor produtivo do Estado e acelera o fluxo de negócio, gera intercâmbio e mantém recursos dentro da região. Quem também celebra os resultados é o diretor da Ultralimpo Lavanderia, em Anápolis, João Maia Viana. Prestador de serviços em lavagem e higienização industrial, ele percebeu que as compradoras buscam fornecedores no Estado, mas muitas vezes não encontram. “A rodada foi uma grande oportunidade e os resultados foram bons.”

O que procuram as indústrias compradoras em Goiás>>

Empresa	Atividade	Demanda
Brasilata	Indústria de Embalagens	Rolamentos e retentores,
Embalagens Metálicas	Metálicas	material elétrico industrial
Furnas Centrais Elétricas	Geração, Operação e Transmissão de energia elétrica.	Equipamentos de proteção industrial, paletas
Grupo Mabel	Indústria de Produtos Alimentícios	Materiais e equipamentos para laboratório, elétricos, hidráulicos e de construção
Jaepel Papéis e Embalagens	Indústria de papel reciclado, chapas e caixas de papelão ondulado	Serviços de vigilância/segurança, limpeza
Mitsubish Motors Brasil	Indústria de automóveis	Serviço de manutenção de refrigeração
Perdigão/Brasil Foods	Indústria de Produtos Alimentícios	Transporte de pessoal, locação de veículos
Porto Seco Centro-Oeste	Recinto alfandegário de Zona Secundária - Movimentação de mercadorias sob regime aduaneiro	Embalagens (matérias-primas)
		Materiais Improdutivos (MRO, almoxarifado, EPI's, uniformes, peças, impressão, transportes, brindes e similares)
		Correias industriais, tubos e conexões
		Equipamentos de Proteção Individual (EPI's)
		Paletas de madeira
		Ferro e aço, ferramentas diversas
		Equipamentos de Proteção Individual (EPI's), uniformes
		Serviços elétricos e hidráulicos
		Hidrojato, caçamba
		Jardinagem, reciclagem
		Incineração, limpeza
		Suprimentos de manutenção e conservação
		Equipamentos, hardware e software (T.I)
		Peças de máquinas e equipamentos

Motivos para participar de uma rodada de negócios>>

- É para grandes e pequenas empresas
- Exposição e reforço da marca e produtos regionalmente
- Estar perto de potenciais clientes
- Ampliar carteira de clientes
- Estabelecer relacionamentos comerciais e parcerias
- Integração empresarial
- Prospecção de negócios a curto, médio e longo prazos
- Negócios entre indústria-fornecedor e fornecedor-fornecedor

A PONTE PARA A QUALIDADE

Um representante da direção eficiente é fundamental para que as empresas certificadas consigam operar com sucesso sistemas de gestão

O sucesso de uma empresa na implementação de um sistema de gestão da qualidade está relacionado a um conjunto de fatores, mas seu bom funcionamento pode depender, em larga escala, da escolha correta de um representante da direção com competência para fazer com que tudo funcione de acordo com o planejado. O papel estratégico desempenhado por esse profissional será o tema do 6º Encontro Nacional de Representantes da Direção e Profissionais da Qualidade, que o ICQ Brasil promove em setembro.

O representante da direção (ou simplesmente RD, no jargão do setor), exigência da norma ISO 9001, cumpre papel estratégico ao cuidar para que os processos de gestão da qualidade sejam estabelecidos e, mais do que isso, tenham assegurada sua continuidade, cabendo a ele deixar a alta direção da empresa a par do desempenho do sistema, informando ainda a necessidade de melhorias.

Para Veruska Ariádna Silva Feitosa de Carvalho Gaioso, gerente de Recursos Humanos do Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (Crer), o RD deve ser visto como “um mediador de objetivos, ações e resultados, pois deve interagir alinhando preceitos organizacionais defendidos pela direção às práticas cotidianas dos colaboradores. Tudo sob a orientação da norma pela qual a empresa é certificada”.

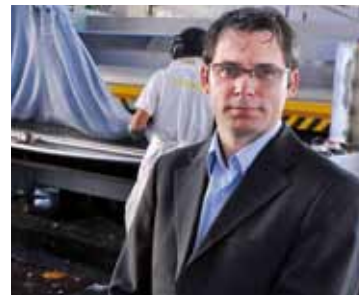
Veruska atua como RD há seis anos e acredita que compete a esse profissional “promover condições para que os preceitos do Sistema de Gestão da Qualidade sejam incorporados pelos colaboradores de maneira natural e concebidos como importantes ferramentas de gestão, controle e avaliação de resultados.”

Alessandro Greschuk, gerente da Qualidade da Coming, sustenta pontos de vista semelhantes. Na sua visão, o RD opera dentro da organização “um coração no corpo humano, bombeando

sangue para manter o corpo ativo (vivo), ou seja, o RD é responsável por bombear as informações do sistema à alta direção, bem como verificar se o sistema está sendo seguido por todos, apontando as falhas e traçando melhorias contínuas em toda a organização.” Os resultados desse esforço são traduzidos, na sua opinião, em satisfação do cliente, redução de custos, competitividade e lucratividade e motivação dos trabalhadores.



Veruska Ariádna Silva Feitosa de Carvalho Gaioso, do Crer: mediador de objetivos, ações e resultados



Alessandro Greschuk, da Coming: “O RD é responsável por bombear as informações do sistema à alta direção”

O PERFIL IDEAL DE UM RD

Para desempenhar suas funções com a eficiência esperada, o representante da direção deve ter conhecimento e domínio do sistema de gestão adotado pela empresa, assim como precisa conhecer profundamente a norma pela qual sua empresa é certificada, definem Alessandro Greschuk e Veruska Ariádna. Imparcialidade, descrição e comprometimento são outras qualidades destacadas por Veruska. Greschuk acrescenta, ainda, capacidade de liderança e de delegar tarefas entre os diversos membros de uma organização, além de objetividade e grande poder de comunicação. Uma “visão positiva da realidade” e “disposição de assumir responsabilidades” também contribuem para formar um bom RD.



*Lançamento: Perillo
anuncia edital para
financiar projetos
inovadores em Goiás*

A CUSTO (QUASE) ZERO

Micro e pequenas empresas goianas terão R\$ 16,5 milhões, em recursos não reembolsáveis, para investir em novos produtos, serviços e processos

Desde o dia 15 de julho, micro e pequenas empresas goianas de base tecnológica correm para disputar os recursos do edital do Programa de Subvenção à Pesquisa em Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pappe Integração), lançado no dia 4 de julho pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), em evento realizado no Palácio das Esmeraldas, com a participação do governador Marconi Perillo, secretários de Estado, empresários e representantes da academia. O edital prevê a destinação de R\$ 16,5 milhões para o Estado, entre recursos do governo federal (R\$ 11,0 milhões), por meio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), e do governo estadual (R\$ 5,5 milhões), com participação direta da própria Fapeg e da Secretaria de Ciência e Tecnologia. A Fieg e o Sebrae participam igualmente do processo, respondendo pela prestação de serviços de assessoria, consultoria e apoio às empresas. No total, incluindo a contrapartida de 10% exigi-

da das empresas, sob a forma de investimentos em estrutura e equipamento, prestação de serviços e contratação de pessoal técnico qualificado, os recursos poderão se aproximar de R\$ 18,150 milhões. A lista do que pode ser financiado inclui projetos inovadores com orçamento entre R\$ 100 mil e R\$ 400 mil nas áreas de agronegócio, fármacos e medicamentos, máquinas e equipamentos, biotecnologia e nanotecnologia, tecnologia da informação, meio ambiente e recursos naturais, oleoquímico e alcoolquímica, biomassa e energias renováveis.

Uma das grandes vantagens do programa é que os recursos não precisarão ser reembolsados pelas empresas, que poderão financiar projetos de desenvolvimento de novos produtos, serviços e processos que permitam sustentar estratégias econômicas vencedoras a partir da ocupação de novos mercados. Segundo a Fapeg, os recursos deverão estar disponíveis a partir de outubro, beneficiando cerca de 70 a 80 projetos.



PELA PRIMEIRA VEZ NO ESTADO

“A concessão de subvenção econômica para a inovação nas empresas é um instrumento de política de governo largamente utilizado em países desenvolvidos, operado de acordo com as normas da Organização Mundial do Comércio (OMC)”, comenta o presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, Melchiades da Cunha Neto. Lançado no Brasil em agosto de 2006, pela primeira vez um instrumento desse tipo será oferecido em Goiás, já que somente em fevereiro do ano passado foi promulgada a Lei Estadual de Inovação Tecnológica (Lei 16.922/2010), exigência imposta pela Finep para que os Estados possam receber recursos federais.

O objetivo do Pappe Integração é promover significativo aumento das atividades de inovação e o incremento da competitividade das empresas e da economia em todo o País. Essa modalidade de apoio financeiro permite a aplicação de recursos públicos diretamente em empresas, compartilhando custos e riscos inerentes ao investimento em inovação.

O conselho presidido pelo empresário já se ar-

“A maioria das micro e pequenas empresas brasileiras apresenta fragilidades gerenciais e tecnológicas e não dispõe de recursos para projetos inovadores de risco e prazo longo de maturação”

Melchiades da Cunha Neto, presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Fieg

O PAPEL ESTRATÉGICO DO NIG

O Núcleo de Inovação de Goiás foi criado precisamente para desenvolver ações de sensibilização, mobilização, capacitação, consultoria e assessoria voltadas à inovação, atendendo às demandas das micro e pequenas indústrias goianas. Entre seus objetivos, estão a implantação de planos de gestão de inovação nas indústrias, orientação das empresas na elaboração de projetos de captação de recursos junto aos órgãos de fomento. Serão investidos, no período de um ano, recursos da ordem de R\$ 324,20 mil.

Ações inovadoras não se restringem a investimentos eventuais em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e à mera existência de laboratórios e pesquisadores nas empresas. Elas devem fazer parte da cultura interna e integrar a estratégia das empresas, de forma permanente, incorporadas ao seu dia a dia por meio de pequenas melhorias em processos que resultem, por exemplo, em redução de custos. “Para que isso ocorra, a empresa precisa agregar em sua gestão um processo estruturado e contínuo que possibilite a renovação de seus produtos, serviços e processos, competências e desenhos organizacionais, a fim de garantir sua adaptabilidade e consequente sobrevivência no mercado”, afirma Melchiades da Cunha Neto.

ticula para mobilizar as indústrias, estimulando sua participação no edital. Recém-lançado pela Fieg, o Núcleo de Inovação de Goiás (NIG), resultado de uma parceria com a CNI, Sebrae Nacional e o Movimento Empresarial pela Inovação (MEI), desempenhará o papel estratégico de preparar as empresas para elaborar projetos destinados a concorrer a editais como o do Pappe Integração, além de outras chamadas públicas destinadas a financiar a inovação no setor empresarial.



сара»





A DOIS PASSOS DO FUTURO

Lauro Veiga Filho

**AGRONEGÓCIO ELABORA PROJETO AMBICIOSO
PARA SUPERAR GARGALOS, CONSOLIDAR SUA
COMPETITIVIDADE E ASSEGURAR A SUSTENTABILIDADE
DE SEU CRESCIMENTO NO LONGO PRAZO**

continua>>

Até 2050, o mundo terá de encontrar meios para alimentar 9,0 bilhões de pessoas, o que significará 2,24 bilhões de bocas a mais, segundo projeções da Organização das Nações

“O nosso primeiro objetivo é cumprir a visão da indústria para 2020, que é fazer de Goiás um Estado competitivo globalmente e sustentável, com um ambiente propício ao desenvolvimento dos negócios”

Igor Montenegro, presidente do Conselho Temático de Agronegócio da Fieg



HOTSITE E SEMINÁRIOS NO ROTEIRO

O projeto Construindo Juntos o Futuro do Agronegócio em Goiás ganhará um hotsite em agosto, como forma de estimular a interatividade, maximizar resultados e acelerar sua construção, afirma Igor Montenegro. “Nesse ambiente virtual, todos os participantes do projeto poderão dar as suas contribuições de melhoria”, reforça. As partes envolvidas na elaboração do projeto já participaram de um amplo workshop, realizado também no dia 3 de junho, na sede da Fieg, para debater o planejamento estratégico do trabalho. Na sequência, foram realizadas reuniões com todos os segmentos das cadeias produtivas envolvidas, praticamente concluindo a primeira fase desta etapa. Num segundo movimento, previsto também para agosto, serão promovidos seminários temáticos, envolvendo todos os setores em estudo, para definir objetivos e estratégias para cada um deles. “Vamos construir os planos vetores estratégicos nas áreas de produção, pesquisa e desenvolvimento, canais de distribuição, capacitação profissional, comunicação e coordenação institucional”, detalha Montenegro.

Unidas (ONU). Numa mudança estrutural, perto de dois terços da população estarão nas cidades até lá, projeta Igor Montenegro, presidente do Conselho Temático de Agronegócio da Fieg, o que exigirá a produção de alimentos mais elaborados e de maior valor agregado.

Todo esse cenário impõe desafios, mas gera oportunidades que poderão ser capitalizadas pelo setor, o que permitiria assegurar seu crescimento no longo prazo. De olho nessa possibilidade, a Fieg e demais entidades do Fórum Empresarial, o governo do Estado, a Embrapa, a Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Pontifícia Universidade Católica do Estado, a Faculdade Alfa e um grupo de empresas âncoras, segundo Montenegro, decidiram unir esforços para colocar de pé o projeto Construindo Juntos o Futuro do Agronegócio em Goiás. Lançado no dia 3 de junho, com a presença do governador Marconi Perillo, secretários de Estado, lideranças empresariais, representantes da academia e do setor de pesquisa, o projeto dá prosseguimento ao Mapa Estratégico da Indústria Goiana – Goiás 2020, desenhado no ano passado pela Fieg, e será orientado por dois eixos principais, conforme detalha Montenegro, buscando assegurar a competitividade e a sustentabilidade do agronegócio. “O nosso primeiro objetivo é cumprir a visão da indústria para 2020, que é fazer de Goiás um Estado competitivo globalmente e sustentável, com um ambiente propício ao desenvolvimento dos negócios”, afirma.

Com participação das consultorias MB Agro, de São Paulo, e JRN Inovação Empresarial, de Goiânia, o projeto deverá apresentar “as melhores possibilidades de adensamento das cadeias produtivas do agronegócio goiano”, propondo um conjunto articulado de ações estratégicas, que deverão ser implantadas no decorrer dos próximos anos. Neste ano, serão estudadas as cadeias dos segmentos de grãos (milho e soja), lácteos, carnes (bovina, suína e aves) e sucroenergia (açúcar e etanol). Para 2012, os estudos contemplarão os setores de fibras alimentares, alimentos e bebidas industrializados, algodão, florestas plantadas, fertilizantes e máquinas agrícolas.



ICMS e o agronegócio>>

(Arrecadação em setores selecionados e total do Estado, valores em R\$ milhões)

Setores / Grupos de produtos	2005	2010	Variação (%)
Comércio atacadista de produtos do fumo	48,590	114,426	+135,5
Comércio atacadista de produtos do vestuário	30,896	86,295	+180,1
Comércio varejista de produtos alimentícios	92,114	252,723	+179,4
Criação de bovinos	57,726	87,825	+52,1
Fabricação de laticínios	36,158	75,050	+107,6
Fabricação de malte, cervejas e chopes	143,306	434,389	+203,1
Fabricação de álcool	8,227	75,942	+823,1
Agronegócio	921,783	2.026,514	+119,8
ICMS - Total	4.216,197	8.170,085	+93,8

Fonte: Secretaria da Fazenda de Goiás (Sefaz-GO)



ARRECADAÇÃO AVANÇA

Numa estimativa que toma como base extenso levantamento realizado a pedido da revista Goiás Industrial pela Gerência de Informações Econômico-Fiscais da Secretaria da Fazenda de Goiás (Sefaz-GO), a arrecadação do ICMS no setor do agronegócio cresceu quase 120% entre 2005 e 2010. Em 2005, esse conjunto de setores arrecadou R\$ 921,783 milhões, respondendo por 21,9% da receita total do ICMS, que havia somado R\$ 4,216 bilhões. No ano passado, a arrecadação do setor aumentou para R\$ 2,026 bilhões, correspondentes a 24,8% dos mais de R\$ 8,170 bilhões arrecadados pelo Estado. No total, o ICMS registrou incremento nominal de 93,8% no período.

Nesse intervalo, o grande destaque ficou por conta do setor de fabricação de etanol, que elevou a receita do ICMS de apenas R\$ 8,227 milhões para R\$ 75,942 milhões – um salto de 823%.

Em alta: receita do ICMS cresce nove vezes no setor de fabricação de etanol



CENÁRIO POSITIVO PARA EXPORTAÇÕES

Impulsionadas pela voracidade chinesa, pelo avanço da renda e consequentes mudanças nos hábitos de consumo globais, com crescente demanda por proteínas animais, e pelo incremento dos programas de substituição de combustíveis fósseis, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, as exportações do agronegócio goiano cresceram mais de 14 vezes desde o final dos anos 1990. Na verdade, o setor respondeu por 75,5% do crescimento acumulado pelas vendas externas realizadas a partir de Goiás entre 1999 e 2010 e por todo o superávit da balança comercial goiana. Basta dizer que, sem a contribuição do setor, o Estado teria anotado uma sequência de 13 déficits anuais consecutivos desde 1998.

Os números oficiais, divulgados regularmente pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), com base em estatísticas do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), confirmam as dimensões alcançadas pelo agronegócio, superando projeções e sugerindo fôlego suficiente para



José Carlos Hausknecht, da MB Agro: cenário de baixos estoques e preços acima das médias históricas

sustentar ritmo ainda vigoroso de crescimento na década em curso. Os fatores que têm sustentado o mercado agrícola ao redor do mundo, analisa José Carlos Hausknecht, da MB Agro, tendem a prevalecer ainda por um bom tempo, num cenário de estoques curtos e preços acima das médias históricas para o setor.

Em 1999, Goiás exportou US\$ 325,891 milhões e desse total 64,5% já tinham origem no agronegócio, sob liderança do complexo soja (grão, farelo e óleo). No ano passado, as exportações goianas superaram, pela segunda vez na década, a marca dos US\$ 4,0 bilhões, acumulando expressivo avanço de 1.141,1%. A participação do agronegócio subiu para 74,6%. Em valores absolutos, as vendas externas do agronegócio saíram de US\$ 210,281 milhões para US\$ 3,017 bilhões, num salto de 1.334,7%. No ranking nacional dos maiores exportadores de produtos e bens do agronegócio, Goiás passou da 11ª para a 8ª colocação em igual período.

A vocação exportadora do setor e o reduzido peso relativo das importações transformaram o agronegócio na grande fonte de geração de superávits comerciais, no País e no Estado, mais do que compensando o saldo negativo registrado pelos demais setores da economia. No caso goiano, entre 1999 e 2010, a balança comercial

Liderança no front externo>>

(Vendas externas do agronegócio e saldo comercial de Goiás, em US\$ milhões)

Período	Exportações do agronegócio	Participação do setor nas exportações totais	Saldo comercial do agronegócio	Saldo comercial dos demais setores
1999	210,3	64,5%	98,7	-91,4
2000	404,1	74,2%	301,0	-130,4
2001	462,1	77,6%	390,4	-184,9
2002	503,5	77,5%	450,0	-127,5
2003	920,1	83,4%	879,9	-153,5
2004	1.238,1	87,6%	1.199,4	-412,0
2005	1.599,1	88,0%	1.566,9	-473,6
2006	1.853,2	88,5%	1.815,6	-715,0
2007	2.408,9	75,6%	2.350,6	-867,8
2008	3.186,6	77,9%	3.132,6	-2.091,0
2009	2.768,8	76,6%	2.702,4	-1.940,2
2010	3.016,9	74,6%	2.935,3	-3.065,9

Fonte dos dados brutos: Secex/Mdic



acumulou superávit total de praticamente US\$ 7,570 bilhões, enquanto o agronegócio, isoladamente, somou saldo positivo de US\$ 17,823 bilhões, diante de um rombo de US\$ 10,253 bilhões na soma dos demais setores da atividade econômica. No ano passado, no entanto, nem mesmo a força do campo conseguiu anular o déficit provocado pela avalanche das importações, que aumentaram 46,4% frente a 2009 e suplantaram as exportações em US\$ 130,643 milhões – num rombo que só não foi maior por conta do superávit de US\$ 2,935 bilhões realizado pelo agronegócio, num resultado 29,7 vezes maior do que em 1999.

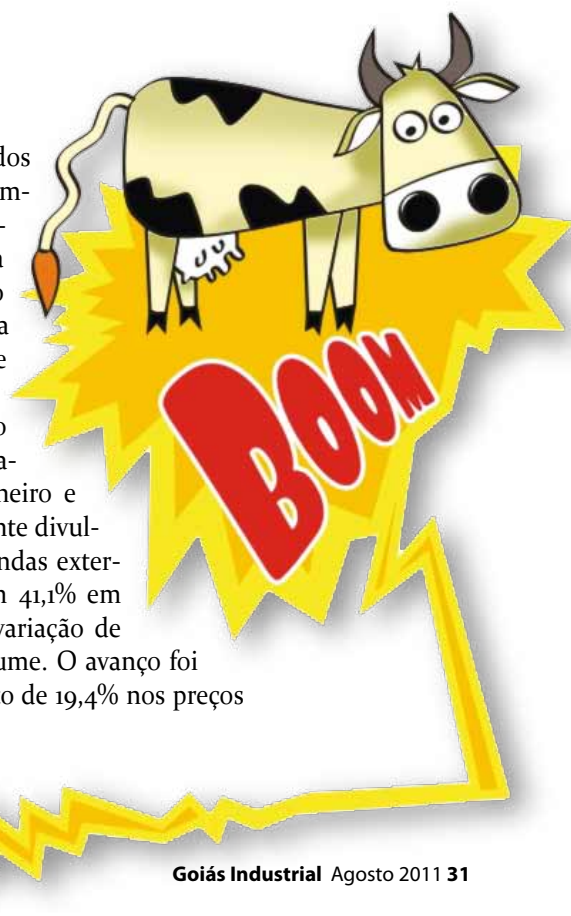
No ranking nacional dos maiores exportadores de produtos e bens do agronegócio, Goiás passou da 11ª para a 8ª colocação em igual período.



O AVANÇO DAS CARNES

Numa fase mais recente, a ampla liderança do complexo soja, que chegou a responder por quase 60% dos embarques realizados pelo agronegócio em anos anteriores, tem sido “ameaçada”, num sentido muito mais positivo, pelo avanço das carnes e, mais recentemente, do açúcar e do milho. As vendas de carnes para os mercados da Ásia e Oriente Médio, principalmente, elevaram a participação do segmento na pauta de exportações do agronegócio para quase 40%. As exportações de açúcar, estimuladas por preços recordes no mercado internacional, cresceram 85% no ano passado e mais 183% no primeiro trimestre deste ano, em relação a igual intervalo de 2010. As exportações de milho triplicaram no ano passado, para quase US\$ 109,0 milhões, com o despacho de 545,9 mil toneladas, e saltaram mais 16 vezes no primeiro trimestre,

para US\$ 23,3 milhões. Os números agregados mostram como a combinação entre demanda externa aquecida e preços em elevação tem contribuído para insuflar a trajetória de elevação das exportações do agronegócio como um todo, com raras exceções. Entre janeiro e março, dado mais recente divulgado pelo Mapa, as vendas externas do setor cresceram 41,1% em valor, diante de uma variação de “apenas” 18,2% em volume. O avanço foi turbinado pelo aumento de 19,4% nos preços médios de exportação.



PARA ONDE VAI A DEMANDA

As oportunidades para o comércio exterior brasileiro, tão vastas quanto os desafios, surgem mais nítidas nas projeções mais recentes. Segundo Igor Montenegro, presidente do Conselho Temático de Agronegócio da Fieg, cada quilo de aumento no consumo per capita chinês provocará um crescimento de 84,3% nas exportações brasileiras de carne bovina, de 41,8% nas vendas de frango e 6,2% no caso do açúcar. Com a urbanização crescente e as mudanças nos hábitos de consumo, acrescenta Montenegro, a tendência é de substituição do consumo de cereais e amidos por carnes, produtos lácteos, doces e alimentos processados. Até 2030, como consequência, a demanda mundial por cereais deverá cair 4%, com alta de 12% para o consumo de açúcar, de 55% para óleos vegetais, mais 42% no caso das carnes e 20% para os lácteos.

Entre os ciclos 2000/2001 e 2011/2012, de acordo com estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial de grãos cresceu 23%, saindo de 1,841 bilhão para 2,265 bilhões de toneladas, mas o descompasso em relação ao consumo foi mantido. A demanda global aumentou de 1,864 bi-

*Milho: preço
experimenta salto
de 97% em 12
meses no mercado
internacional*



lhão para 2,277 bilhões de toneladas (22,2% a mais), derrubando os estoques finais de 539,48 milhões para 424,42 milhões de toneladas – uma queda de 21,3%. As reservas finais de grãos passaram a representar 18,6% da demanda, perto de 68 dias de consumo, frente a 28,9% em 2000/2001, quando os estoques cobriam 105,6 dias de consumo.

Estoques mundiais de grãos em baixa>>

(Valores em milhões de toneladas)

Variáveis	2000/2001	2011/2012*	Variação (%)
Produção	1.841,55	2.264,59	+23,0
Consumo	1.864,30	2.277,25	+22,2
Estoques finais	539,43	424,42	-21,3
Estoques/Consumo	28,9%	18,6%	-

(*) Projeção em junho 2011

Fonte: USDA





O peso da China: mercado chinês já responde por 60% das importações globais de soja

O QUE DITA AS TENDÊNCIAS NESSE MERCADO

A tendência dos preços no mercado internacional de matérias-primas agrícolas, conforme aponta o analista José Carlos Hausknecht, da MB Agro, tem sido influenciada de forma decisiva pelo apetite da China, em primeiro lugar, seguida pela Índia e por outras economias emergentes. Adicionalmente, Hausknecht alinha a pressão exercida pelos fundos de commodities, aliada à demanda por grãos – notadamente de milho – para a produção de biocombustível, como dois outros fatores condicionantes do comportamento dos preços internacionais dos grãos em geral.

Nos 12 meses encerrados em junho deste ano, as cotações do milho, do algodão, do açúcar e da soja nas bolsas internacionais, em que pese a

desaceleração observada num período mais recente, coincidindo com o anúncio de melhores perspectivas para a safra dos Estados Unidos, acumularam altas superiores a 97%, 72%, 60% e 45%, pela ordem. Esse tem sido um fator chave para explicar o comportamento das exportações do agronegócio neste ano.

Olhando para um horizonte de tempo mais amplo, Hausknecht aposta na manutenção de preços muito acima de suas médias históricas. No caso do milho, por exemplo, o analista projeta uma cotação ao redor de US\$ 7,00 por bushel, quase 140% acima da média de US\$ 2,92 observada nos últimos anos. Entre outros motivos, o especialista relembra a mudança na inserção chinesa neste mercado, já que a China passou de exportador para importador líquido do grão, e o uso do milho na produção de etanol nos EUA. Entre 2003 e 2012, o consumo de milho na fabricação de biocombustível aumentou em cinco vezes, de 25,0 milhões para 128,3 milhões de toneladas, passando a repre-

sentar quase 40% da colheita norte-americana e praticamente 15% da produção mundial. Com isso, a relação entre estoques de passagem e a demanda tem se situado próxima de 15% – ou seja, menos de dois meses de consumo.

A relevância da China no desenho das tendências para os mercados de soja e de algodão para os próximos anos pode ser notada a partir da avaliação dos dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês). Entre os ciclos 2009/10 e 2011/12, as importações globais de soja cresceram de 86,80 milhões para 96,24 milhões de

toneladas – 9,44 milhões de toneladas a mais. O mercado chinês sozinho respondeu por 81% desse aumento, absorvendo 7,66 milhões de toneladas a mais, para um total de 58,0 milhões de toneladas importadas (60% das importações mundiais).

A participação da China nas importações mundiais de algodão subiu, no mesmo período, de 30% para 40,6%, levando a um aumento de 8,7% no volume importado em todo o mundo. Sem a demanda chinesa, que cresceu 47% no período, as compras globais da fibra teriam experimentado recuo de 9%.

GARGALOS NO CAMINHO DA AGROPECUÁRIA

A perfeita assim como pouco usual combinação entre produção recorde, produtividade elevada e preços além das médias históricas para grãos e fibras, aqui dentro e lá fora, levou a agricultura a gerar receitas igualmente robustas, segundo duas pesquisas realizadas de forma independente pela Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e pela Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), que traz números até mais generosos do que a primeira.

De acordo com o Mapa, considerando-se as 12 principais culturas do Estado, o valor bruto da produção agrícola deverá crescer quase 14% em 2011, saindo de R\$ 11,748 bilhões para quase R\$ 13,391 bilhões – o terceiro melhor resultado da série. A Faeg, num trabalho que inclui, além dos grãos, também o resultado da exploração da pecuária de corte e de leite e da produção de aves e suínos, estima o valor bruto da produção da agropecuária em R\$ 24,108 bilhões neste ano, num avanço de 25,8% em relação aos R\$ 19,162 bilhões realizados em 2010. Isso significa que, somente da porteira para dentro, o campo poderá gerar receitas equivalentes a quase 28% do PIB estadual.

Sob liderança do algodão e a contribuição das lavouras de milho, soja e cana de açúcar, pela ordem, a agricultura deverá gerar receita bruta

de R\$ 14,088 bilhões em 2011, crescendo 34,5%. A pecuária não conseguirá reeditar o mesmo ritmo de crescimento do setor agrícola, mas deverá registrar resultado igualmente recorde, com receitas de R\$ 10,019 bilhões, correspondendo a uma variação de 15,4% em relação ao ano passado.

A capacidade de geração de valor e de renda pelo campo poderia ser multiplicada caso houvesse uma visão de cadeia produtiva embutida nas políticas públicas específicas para o setor, o que vai se tentar implementar agora com o projeto Construindo Juntos o Futuro do Agropêlo em Goiás, avalia Leonardo Machado, assessor técnico da Fieg. Entre outros gargalos, o setor agropecuário terá de encontrar caminhos que permitam conciliar o crescimento da produção e a preservação ambiental, com redução de emissões.

Leonardo Machado, da Faeg: visão de cadeia produtiva nas políticas públicas para o setor





Práticas de manejo mais adequadas e sustentáveis, o uso da irrigação, a aplicação racional de insumos e melhorias na capacitação da mão de obra disponível, relaciona Machado, fazem parte do cardápio de medidas para assegurar o crescimento da produção. A questão da logística, com diversificação de modais e inclusão de outros mais eficientes, reforça seu caráter estratégico, diante dos desafios que o campo terá de fazer frente para aumentar a oferta de alimentos, a custos competitivos com o restante do mundo. Aos custos atuais, o transporte de uma tonelada de soja entre Rio Verde e o Porto de Paranaguá exige gasto de US\$ 80, quatro ou mais vezes acima do custo pago pelo produtor norte-americano para levar uma tonelada do grão desde os campos de Illinois, no centro-oeste dos EUA, até o Golfo do México, cobrindo uma distância equivalente. “O custo do frete, no caso, varia entre US\$ 18 e US\$ 20”, reforça Machado.

A capacidade de geração de valor e de renda pelo campo poderia ser multiplicada caso houvesse uma visão de cadeia produtiva embutida nas políticas públicas específicas para o setor...

Além da logística, que depende de investimentos estaduais e federais em rodovias, ferrovias e na Hidrovia Paraná-Tietê, o assessor da Faeg lembra que, atualmente, apenas 20% dos produtores goianos têm acesso ao crédito rural convencional, que oferece custos mais baixos, o que gera entraves para aqueles que estão fora do sistema. “Faltam, ainda, um seguro rural abrangente e instrumentos mais eficientes de comercialização das safras, que permitam que maior parte das receitas seja retida pelo setor sob a forma de renda”, reclama Machado.



José Garcia, do Ministério da Agricultura: essencial para averiguar o efeito sobre o PIB do setor rural

IMPACTO DIRETO SOBRE A RENDA

A pesquisa do Mapa registra para este ano o maior valor bruto da produção agrícola desde 1997. Descontada a variação do Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a receita crescerá 10% em relação a 2010. “A variação do valor bruto da produção é essencial para averiguar o impacto da agricultura no Produto Interno Bruto (PIB) do setor rural e seu efeito imediato na formação da renda no campo, já que as lavouras representam 60% do PIB”, avalia José Garcia Gasques, coordenador geral de Planejamento Estratégico do Mapa. Em números absolutos, o valor de venda das safras das 20 principais culturas do País saltou de R\$ 180,623 bilhões no ano passado para R\$ 198,684 bilhões neste ano, na estimativa mais recente, que considera os preços médios pagos aos produtores nos primeiros cinco meses de 2011.

Mais receitas para o campo>>

(Valor bruto da produção agropecuária em Goiás, valores em R\$ bilhões)

Ano	Agricultura	Pecuária	Total
2008	9,785	8,061	17,846
2009	9,666	7,410	17,076
2010	10,477	8,685	19,162
2011	14,088	10,020	24,108

Fonte: Faeg

CONDIÇÕES PARA A RETOMADA

A indústria de açúcar e etanol investiu em torno de R\$ 15,0 bilhões entre 2000 e 2010 e tem fôlego para investir mais R\$ 12,0 bilhões até 2015 se forem criadas as condições para que os projetos de expansão e instalação de novas usinas saiam das pranchetas, afirma o presidente executivo do Sindicato da Indústria de Fabricação de Alcool do Estado de Goiás (Sifaeg), André Baptista Rocha. Numa hipótese menos otimista, esses desembolsos poderão se resumir a uma injeção de R\$ 3,0 bilhões.

Em pouco mais de uma década, o parque instalado no Estado avançou de 11 para 33 usinas em operação, contabilidade que ainda não inclui outras três unidades já concluídas, mas momentaneamente fora de combate – uma delas foi desativada e colocada à venda pelos donos e duas estão em fase de reforma e expansão. Mais três usinas deverão ser inauguradas em 2012, segundo Rocha, reforçando a posição do Estado como segundo maior polo nacional de produção de etanol. “Podemos considerar factível a ampliação do parque para 45 usinas até 2015”, acrescentou.

Na safra 2011/2012, o setor deverá processar 3,0 bilhões de litros de etanol e 1,9 milhão de toneladas de açúcar, com produção em torno de 48,0 milhões de toneladas de cana. A safra da graminea deverá crescer em torno de 3% em relação ao ciclo 2010/2011, quando foram colhidas 46,6 milhões de toneladas, diz Rocha. Acima de questões conjunturais, que conspiraram pela virtual paralisação do setor na safra em curso, Rocha afirma que o adiamento das soluções de problemas estruturais comprometeu a competitividade e a disposição para investimentos no setor.

Os investimentos em recuperação, modernização e melhoria da malha rodoviária chegaram com atraso, assim como o projeto do etanolduto, esperado para 2007, só deverá tornar-se realidade em 2014. A Ferrovia Norte-Sul, após uma série de adiamentos, talvez

entre em operação em 2012. A substituição tributária, alega o executivo, caçou os incentivos fiscais de que dispunha o setor de produção de etanol anidro. “Tudo isso pesou no cenário de expansão imaginado anteriormente, retardando investimentos.” Rocha defende a definição de uma política tributária competitiva para o setor.

“Podemos considerar factível a ampliação do parque para 45 usinas até 2015”

André Baptista Rocha, do Sifaeg

DE VOLTA AO 2º LUGAR

Goiás pretende reconquistar o posto de segundo maior produtor de leite do País, ampliando sua produção para 12,0 milhões de litros por dia nos próximos três anos, prevendo-se um salto de quase 40% em relação ao volume produzido em 2010. Essa é uma perspectiva, na verdade, conservadora, na avaliação do presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás, Ananias Justino Jayme, que exigirá mudança de conceitos na área de produção e desembolsos nem tão expressivos assim de recursos financeiros.

“Já fomos o segundo produtor e hoje estamos em quarto lugar, quase caindo para a quinta posição, e estamos perdendo terreno desde 2005, já que a produção cresceu mais rapidamente em outros Estados e permaneceu quase estagnada em Goiás”, comenta Justino. Atualmente, os laticínios goianos processam diariamente, em média, perto de 8,5 milhões de litros de leite, ocupando pouco menos de 57% da capacidade instalada, na faixa de 15,0 milhões de litros por dia.

Produtores e indústrias terão de desenvolver esforços conjuntos, como já tem ocorrido, que “vão ajudar a encontrar o caminho para aumentar a produção”, sustenta Justino. Segundo dados da Embrapa Gado de Leite, Goiás produziu em 2010 ao redor de 3,139 bilhões de litros de leite, cerca de 14% abaixo do Rio Grande do Sul, segundo maior produtor, com captação de 3,668 bilhões de litros.

Práticas mais adequadas de manejo do rebanho, a introdução de novas tecnologias, buscando o melhoramento genético do plantel e técnicas para recuperação de pastagens podem trazer efeitos imediatos, a custos relativamente baixos diante dos ganhos esperados. Justino lembra que o Sindileite e a Faeg têm realizado, desde o início de 2011, seminários técnicos para disseminar informações e novas técnicas aplicadas à produção mais eficiente, com formação de multiplicadores de tecnologia.



QUALIDADE E CERTIFICAÇÃO, OS DESAFIOS

A indústria goiana de carne bovina terá de superar dois principais desafios para consolidar sua posição como importante competidora global, analisa José Magno Pato, presidente do Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal (Sindicarne). Como primeiro e mais importante passo nessa direção, sugere ele, o setor terá de avançar definitivamente no desenvolvimento de processos sanitários reconhecidos pelos mercados que melhor remuneram a carne no mercado internacional, a exemplo dos Estados Unidos, do Japão e da Coreia do Sul.

“Já temos a melhor indústria frigorífica do mundo no Brasil, mas devemos e teremos de melhorar a qualidade e agregar valor à carne produzida, por meio da implantação de um sistema de tipificação e certificação de carcaças”, sustenta Magno Pato, ao descrever o segundo principal desafio do setor pecuário como um todo, na sua visão. Terceiro maior exportador de carne bovina do País, com vendas de 141,51 mil toneladas e receitas de US\$ 567,68 milhões no ano passado, Goiás abriga em torno de 60 plantas sob inspeção federal, estadual ou municipal.

A indústria goiana abate anualmente mais de 5,0 milhões de cabeças, de acordo com o Sindicarne, produzindo em torno de 600 mil toneladas de carne, o que representa perto de 7% da produção brasileira. Desse total, perto de 200 mil toneladas são consumidas no mercado goiano e o restante destinado a outros mercados, no País e no Exterior, com destaque para Rússia, Irã, Egito, Arábia Saudita e, em volume hoje menos relevante, para o mercado europeu. Os movimentos de consolidação do mercado, observados nos últimos anos, e a crise que levou vários grupos à recuperação judicial ou à falência no começo da segunda metade da década passada agravaram a concentração no setor. Atualmente, Magno Pato estima que os três entre os maiores grupos – JBS, Marfrig e Minerva – representem mais de 70% dos abates em Goiás.

TÃO BOM QUANTO NOS EUA

A qualidade do leite produzido em Goiás, destaca Ananias Justino Jayme, do Sindileite, já alcança níveis comparáveis aos verificados nos Estados Unidos. O Estado, prossegue ele, apresenta um dos melhores resultados do Brasil nas análises do produto, seguindo padrões rigorosos de CCS (contagem de células somáticas) e CBT (contagem bacteriana total).

Em julho, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento prorrogou por mais seis meses a entrada em vigor da Instrução Normativa 51, que exige redução pela metade do total de células somáticas permitidas por mililitro e em 87% na contagem de bactérias. Segundo o presidente do Sindileite, a produção goiana já estaria adequada aos novos padrões de controle. Na área industrial, o empresário aponta que o Estado dispõe do mais moderno parque instalado no País.

INDÚSTRIA BUSCA INTEGRAÇÃO

“Não conseguimos implantar um programa amplo de rastreabilidade bovina no País”, reconhece Magno Pato. Entre outros motivos, prossegue ele, porque o criador não recebeu qualquer estímulo para isso e porque o nível das exigências impostas ao País supera aquele cobrado de grandes concorrentes do Brasil no mercado mundial de carne bovina.

A rastreabilidade é importante para que o Brasil tenha acesso a mercados que pagam melhor pela carne, argumenta Magno Pato, o que permitiria aos frigoríficos, em tese, remunerar melhor aos criadores que adotam o sistema. A indústria, prossegue o presidente do Sindicarne, defende uma “forte integração” entre todos os agentes, num modelo semelhante ao que hoje é aplicado à produção de aves e de suínos, o que permitiria avançar na melhoria da qualidade e na padronização da carne. Na área fiscal, outro gargalo a ser solucionado, na sua visão, diz respeito à guerra fiscal entre os Estados. “O governo de São Paulo não cobra imposto sobre a carne produzida lá e dá crédito (fiscal) aos frigoríficos na compra de boi em pé de outros Estados”, arremata.

José Magno Pato, do Sindicarne: rastreabilidade, sanidade e guerra fiscal, os desafios na indústria da carne





LARGADA PARA A COMPETITIVIDADE

Indústrias do APL Moveleiro da Grande Goiânia saem na frente e começam a trabalhar na implantação da segunda etapa do programa

A indústria goiana de móveis já deu a largada para a segunda etapa da corrida pela competitividade, envolvendo 25 fabricantes que participam do Arranjo Produtivo Local (APL) do setor instalado na região metropolitana de Goiânia. Entre outros objetivos, esse grupo de empresas pretende ampliar sua participação no mercado goiano, que hoje importa de outros Estados ao redor de 70% dos móveis e artefatos consumidos localmente, além de reforçar suas chances de explorar oportunidades de negócios em outras regiões.

A segunda fase do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi) foi lançada na primeira semana de abril, com recursos de quase R\$ 1,4 milhão, segundo previsto nos convênios firmados entre a Fieg, o Sebrae Goiás e os sindicatos dos setores de produtos de cimento, calçados, rochas

ornamentais e panificação, além do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás (Sindmóveis), que largou à frente dos demais.

No dia 22 de junho, o Sindmóveis e o Sebrae Goiás, numa parceria que incluiu também a Fieg, realizaram o 2º Encontro de Madeira e Móveis Goiás 2011, na Casa da Indústria. Na oportunidade, foi apresentado aos empresários do setor o projeto desenvolvido pelo sindicato e aprovado pelo Procompi para qualificar e promover a produtividade da indústria do APL Moveleiro da Grande Goiânia, com introdução de novas tecnologias, além de estimular o associativismo como instrumento para reduzir custos, produzir ganhos de escala e incrementar a eficiência nas áreas de gestão e de produção, facilitando a disputa por novos mercados.

GANHOS PODEM CHEGAR A 10% OU 15%

Nos próximos 18 meses, contados a partir de julho, afirma Manoel Paulino Barbosa, presidente do Sindimóveis e diretor da Fieg, as 25 empresas que aderiram à nova etapa do Procompi realizarão um esforço concentrado para atingir as metas propostas no projeto, que pretende estimular incrementos entre 10% e 15% na produtividade geral. Numa primeira ação, será feito um diagnóstico do estágio atual de todas as empresas, desde o chão de fábrica até a área administrativa, passando pelas políticas de gestão e de vendas e práticas ambientais.

“Primeiramente, vamos levantar as necessidades e demandas das empresas e buscar um nivelamento para realizar todas as ações previstas no projeto de forma conjunta”, reforça Barbosa. A qualidade e eficiência na produção e nos prazos de entrega, a produtividade e competitividade, com melhorias de processos e redução de desperdícios e do retrabalho, o que poderá envolver mudanças de layout e investimentos em equipamentos mais modernos, além muito treinamento e possivelmente novas contratações, estão no foco deste segundo Procompi.

O diferencial, em relação à primeira fase do programa, destaca Barbosa, está na definição de metas relacionadas a boas práticas sociais e ambientais, com uso de tecnologias limpas, com destaque específico para a redução na geração de resíduos sólidos e na sua destinação ambientalmente adequada. Segundo Barbosa,

DESTINAÇÃO FINAL

Num projeto ambicioso, indústrias de móveis trabalham para colocar de pé um centro tecnológico de apoio ao setor com 12 mil metros quadrados de área, no mesmo espaço que vai abrigar, em Senador Canedo, o mais novo polo moveleiro do Estado. A unidade vai contemplar uma central de processamento de resíduos sólidos, que deverá transformá-los em blocos de madeira destinados à indústria de cerâmica,



APL Moveleiro: trabalho vai qualificar e promover a produtividade de indústrias de micro e pequeno porte

MODELO PARA O PAÍS

A indústria de móveis reúne em torno de 1,3 mil empresas em todo o Estado, empregando perto de 13 mil pessoas de forma direta. No primeiro Procompi, realizado entre 2009 e 2010, relembra Barbosa, todas as 20 indústrias de móveis participantes cumpriram as metas propostas. “Os resultados foram excelentes e o nosso projeto foi considerado como modelo para o País”, afirma. A expectativa do presidente do Sindimóveis é que, em conjunto, as empresas do APL moveleiro consigam encontrar respostas mais rápidas para enfrentar gargalos nas áreas de gestão empresarial, modernizando sua operação e reduzindo custos, ao recorrer, por exemplo, a um sistema único de compras para cada setor específico, o que reforçaria sua capacidade de competir no mercado. Além disso, entre outros resultados esperados, o Procompi deverá estimular inovações em processos, produtos e design.

um dos propósitos é estimular as empresas participantes a prover sua adequação à Lei 12.305, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), regulamentada em dezembro do ano passado.

“Está sendo feito um estudo para melhor aproveitamento desses resíduos”, aponta o presidente do Sindimóveis, Manoel Paulino Barbosa. Com recursos da União e do governo do Estado, que deverão entrar com algo em torno de R\$ 500 mil, mais contrapartida das empresas, e apoio do Sebrae, a previsão é de que a construção seja iniciada em agosto.

CONCENTRAÇÃO NA SAÍDA

Estudo da Segplan mostra que apenas o Porto de Santos movimentou, atualmente, pouco mais da metade de todo o volume exportado pelo Estado

A excessiva concentração da pauta goiana de comércio exterior em commodities agrícolas, diante do alto volume exportado e baixo valor específico, reforça a necessidade de investimentos em sistemas de logística de transporte mais eficientes, de forma a diluir o custo do frete e assegurar a competitividade das exportações goianas.

Adicionalmente, será preciso incrementar as políticas públicas direcionadas ao setor industrial exportador para que o Estado possa atingir as metas estabelecidas pelo Mapa Estratégico da Indústria Goiana, elaborado pela Fieg no ano passado. As conclusões são do estudo A Infraestrutura e os

Pontos de Escoamento das Exportações Goianas, desenvolvido pela equipe técnica da Secretaria de Gestão e Planejamento de Goiás (Segplan-GO). Entre outros objetivos, o mapa prevê expandir as exportações do setor industrial goiano do equivalente a 0,82% das vendas externas totais da indústria brasileira para 1,5% em 2020, além de ampliar de 2,36% para 3,17% a participação de Goiás nas exportações do País. O avanço pretendido traria a fatia das exportações sobre o Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de 8,3% em 2010, tomando como base o dólar médio do ano passado, para 13% até o final da década.

O 10º CBA tratou do tema “Mudanças e Paradigmas”, visando a competitividade das cadeias produtivas do agronegócio e tendo como base o novo cenário que envolve a produção de energia e alimento. Ao mesmo tempo, colocou em julgamento a capacidade de articulação do setor com o governo e a sociedade.

Diante da repercussão do evento transmitido ao vivo via internet por Safras & Mercado agradecemos a participação de todos os internautas ligados ao agronegócio, também lembramos aqueles que não puderam assistir ao evento no dia 08 de agosto, que o mesmo ficará gravado em www.safras.com.br/congresso.

Mudanças e Paradigmas



Patrocínio Master



Patrocinio



Patrocinadores do Congresso Virtual

Transmissão online

Apoic



PLACAS ECOLÓGICAS

Só Placas adota garrafas PET recicladas como matéria-prima na produção de sistemas de sinalização em condomínios e no trânsito

Sinalizar com sustentabilidade, ajudando a despoluir o meio ambiente. O lema passou a ocupar o coração do negócio da Só Placas, desde que a empresa decidiu dedicar-se à produção de placas de sinalização ecologicamente corretas, utilizando garrafas PET recicláveis como matéria-prima. Os resultados alcançados desde a mudança no foco estratégico animaram a Só Placas a ampliar sua operação, em busca de novos mercados, e a projetar uma linha própria para reciclar embalagens, no médio prazo.

Até setembro, a empresa pretende concluir as obras de expansão da fábrica em Goiânia, com instalação de novos equipamentos, alguns desenvolvidos dentro da própria indústria, para dobrar sua capacidade. De acordo com Paulo Silva, diretor comercial e sócio da Só Placas, serão contratados mais dois ou três trabalhadores, além dos sete empregados atualmente.

Criada há sete anos, a Atrio Locação de Luminosos Ltda., razão social da empresa, trabalhava, originalmente, no segmento de painéis, lonas e fachadas. Há pouco mais de dois anos, os sócios decidiram se especializar na produção de placas de segurança no trabalho, atual carro-chefe da empresa, sinalização vertical e horizontal de condomínios e de acabamento de interiores em empresas e até mesmo placas de trânsito, surgindo a Só Placas. Entre reconversão de equipamentos e mudança de processos, foram investidos em torno de R\$ 100 mil.

Hoje, num diferencial em relação ao mercado, que utiliza derivados do petróleo, a matéria-prima reciclada responde por mais de 90% da produção e todo o marketing da empresa explora o aspecto de sustentabilidade do processo escolhido pela Só Placas. “O PET reciclado apresenta maior resistência aos raios ultravioletas e a impactos frontais, sendo mais durável. Mas a questão ecológica é o principal ponto”, afirma.



“Somos uma empresa nova e, portanto, temos registrado crescimento de 100% ao ano e ainda há muito mercado a ser explorado”

Paulo Silva, diretor comercial

Com uma carteira de 300 clientes, concentrados em Goiânia e na Região Metropolitana da capital do Estado e em grande parte na área da construção civil, a Só Placas tem registrado índices crescentes de aceitação. “Somos uma empresa nova e, portanto, temos registrado crescimento de 100% ao ano e ainda há muito mercado a ser explorado”, comenta Silva. Neste ano, espera instalar filiais de venda na capital paulista, em Campinas (SP) e em Brasília. Nos próximos cinco anos, os planos de Silva incluem a formatação de parcerias com o governo e outras empresas para instalar uma linha própria de reciclagem de embalagens plásticas, num investimento estimado em R\$ 4,0 milhões.

PLANO DE ATAQUE

Depois de inaugurar sua quinta fábrica, num investimento de R\$ 25 milhões, a Plumatex prepara-se para conquistar o mercado da Região Sul

A Plumatex, fábrica de colchões de espuma e de molas, cama box e camas acopladas, além de lâminas de espumas industriais, completa seu 27º aniversário no dia 10 de outubro e tem uma coleção de motivos para celebrar. Nascida da vontade empreendedora de Moacir Lázaro de Melo, presidente e fundador da empresa, que administra com a ajuda dos filhos Rodrigo, Rafael, Renan e Ronaldo, todos desempenhando funções de direção, a Plumatex Colchões sobreviveu aos anos de inflação tresloucada e a sete planos econômicos, com todas as reviravoltas que impuseram à vida econômica do País.

No início de suas operações, relata Rodrigo Miguel de Melo, diretor executivo e responsável pela unidade de Anápolis, sede da companhia, a Plumatex ocupava modestos 600 m² e produzia 50 colchões por dia. Numa fase mais recente, a empresa passou a enfrentar a falta de mão de obra qualificada e de fornecedores nacionais, baixa oferta de recursos para investimentos por parte das instituições financeiras e a concorrência desleal das importações. Mas encontrou espaço para investir e crescer.

Em setembro do ano passado, a empresa inaugurou sua quinta planta industrial, na cidade de Três Rios, no Rio de Janeiro, num investimento de R\$ 25 milhões. “Já estamos produzindo a 60% de nossa capacidade na mais nova indústria da Plumatex”, declara Rodrigo.

Atualmente, a família Melo comanda cinco unidades industriais, espalhadas com quatro Estados – além de Goiás e do Rio de Janeiro, a empresa produz colchões e camas em duas unidades na Bahia e em uma fábrica na Paraíba. De acordo com Rodrigo, a Plumatex atua fortemente em quatro regiões do País – Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sudeste – e tem planos para atacar o mercado do Sul do País a partir do próximo ano.

As cinco fábricas produzem, atualmente, 230 mil colchões por mês e empregam, no total, 1.239 funcionários. Nos últimos dois anos, a empresa registrou crescimento anual médio de 20%, pegando carona na maré de aumento da demanda doméstica, empurrada pelo avanço dos empregos e da renda. Neste ano, Rodrigo acredita que será possível manter uma taxa mais estável, alinhada ao incremento projetado para o Produto Interno Bruto (PIB) do País, estimado entre 4,5% e 5,0%, segundo projeções mais recentes. A receita do sucesso está na decisão dos donos de reinvestir na própria empresa todos os recursos gerados pelo negócio.



A nova operação e a indústria antiga: empresa reinveste todos seus recursos no próprio negócio



Inovação 2011

Estão abertas as inscrições para a edição 2011 do Prêmio Finep de Inovação. Empresas e instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (C, T & I) podem se inscrever até 14 de outubro no site <http://www.finep.gov.br/premio>. Com o conceito Inovar é Investir no Futuro, o concurso será realizado em duas etapas. Na fase regional, os vencedores serão conhecidos em novembro, prevendo-se o anúncio do resultado nacional para março de 2012. A entrega do prêmio às empresas selecionadas na região Centro-Oeste será realizada em Goiânia.



>> Gestão ambiental

O Prêmio Goiás de Gestão Ambiental 2011, numa realização da Fieg, em parceria com as secretarias estaduais de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (*na foto, o secretário Leonardo Vilela*) e de Indústria e Comércio, Faeg, Ibama e Sebrae, foi lançado no dia 30 de junho. Entre outros objetivos, a proposta é reconhecer e divulgar iniciativas de pessoas jurídicas, físicas e ONGs que mais se destacaram em Goiás com ações de relevante valor ambiental, assegurando o princípio do desenvolvimento sustentável. Além da apresentação do regulamento do prêmio, foi realizada ainda a palestra Economia Verde para o Desenvolvimento Sustentável, com a gerente de Política Ambiental da ONG Conservação Internacional do Brasil, Helena Boniatti Pavese.



Solução goiana

A empresa goiana Redutep lançou, durante a 27ª Feira Internacional de Embalagens, Processos e Logística para as Indústrias de Alimentos e Bebidas (Fispal Tecnologia 2011), realizada em junho, em São Paulo, o Paletizador PAL-1800 (*foto*). A baixa intervenção da mão de obra humana é uma das principais vantagens do equipamento. O paletizador automatizado previne funcionários de esforços repetitivos, facilitando um desempenho geral do sistema (ergonomia). Além disso, as dimensões do projeto são compactas, permitindo fácil adaptação às linhas de produção.

>> EXPOCRUZ 2011

O Centro Internacional de Negócios e o Conselho Temático de Comércio Exterior da Fieg lançaram, no dia 3 de agosto, na Casa da Indústria, a Rodada de Negócios da Expocruz 2011, quando foram apresentadas informações importantes sobre o evento, vantagens e condições de participação.



HOMENAGEM E POSSE – Waldyr O'Dwyer sopra velinhas do bolo de seu 95º aniversário, entre Pedro Alves de Oliveira, o filho Willian Leyser O'Dwyer e Paulo Afonso Ferreira, em noite festiva no Sesi Jundiá, em Anápolis. Emoção marcou a homenagem prestada pela Fieg ao decano da indústria goiana, que deixou a presidência do Núcleo Regional da entidade, depois de 11 anos no cargo. Em seu lugar, assumiu o empresário Ubiratan da Silva Lopes (Pafisa Pré Moldados). A solenidade foi presidida pelo presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira.

>> Sindicalista e hoteleiro

Orlando Alves Carneiro Júnior, presidente do Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal (Sieeg-DF), foi um dos anfitriões da edição Centro-Oeste do Ciclo Anamup de Fóruns Regionais dos Municípios Mineradores, no Centro de Convenções de Goiânia, dia 21 de junho. Paralelamente às discussões de assuntos de interesse da categoria, o empresário se dedica à finalização das obras do Mercure Hotel, em construção na Avenida República do Líbano, no Setor Oeste.



>> United States

No final de junho, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, realizou curso de reciclagem nos Estados Unidos. Na Wharton School, situada no câmpus da Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, ele integrou o programa Estratégia e Inovação nos Negócios, empreitada realizada numa parceria entre o IEL Nacional e a instituição norte-americana. Durante cinco dias de aulas em período integral, com direito a tradução simultânea, Pedro Alves teve como colegas outros líderes empresariais, como André Luiz Baptista Lins Rocha (com ele, na foto).

>> Sangue

A empresária Maria Cristina Craveiro Campos, a Kiki, e o seu marido, Paulo Roberto de Carvalho, levaram os pastéis de sua indústria (Grupo QG) para servir em mesa inusitada nestas férias: a sala de alimentação do Hospital Araújo Jorge. Durante todo o dia da ação social, realizada em julho, a iguaria substituiu os tradicionais sanduíches servidos aos doadores de sangue. A iniciativa contou com parceria de outro industrial local, Ivanil de Paula (Unitintas), que também convidou seus colaboradores para participar do mutirão de doação.

>> MODA – Recém-formada em design de moda, Mayara Umbelino Ribeiro trilha sua carreira solo com desenvoltura. Filha de mãe confeccionista, a jovem que cresceu no chão de fábrica da Manga Rosa e conhece de perto a realidade do mercado local, agora empresta seu talento para marcas como a Fê Gestante, de Pollyana Palazzo, e para a Aloá.



>> Mobilização

Ilézio Ferreira (Consciente Construtora) promoveu jantar beneficente no início de julho, com renda revertida para a creche da União das Pioneiras de Goiás, presidida por Conceição Nápole. A entidade existe há 30 anos e atende a 110 crianças com idade entre 6 meses e 5 anos, no Jardim Novo Mundo, em Goiânia. O jantar, realizado no Vista Parque Flamboyant, no Jardim Goiás, foi precedido por palestra da designer, decoradora e terapeuta de ambientes Jacqueline Adorno.

>> Estilo

Ao lado da mãe, Maria Flávia Perillo, as irmãs Ana Flávia e Ana Cláudia Perillo (Emporio Anna) se lançam em outro desafio. Depois de brilhar com sua grife genuinamente goiana em spots do eixo Rio-São Paulo, como Daslu, e feiras como o Fashion Rio, além de showroom na badalada Oscar Freire, as empresárias se preparam para construir a nova sede em Itaberaí (GO). Além da indústria de confecção por lá, o trio comanda bela loja no Setor Marista, em Goiânia. Em agosto, o agito fica por conta do lançamento da coleção verão da marca.

>> Negócios lá fora

A experiência da Mabel no mercado internacional. Esse foi o tema da palestra de Luiz Carlos, gerente de comércio exterior do grupo, durante reunião recente promovida pelo Centro de Internacional de Negócios (CIN) da Fieg. Na empreitada, Juliana Souza, analista de comércio exterior do Centro Internacional de Negócios da Fieg, falou sobre o apoio da Rede CIN a empresas interessadas em participar da missão de prospecção de mercado à Anuga, apoiada pela Apex-Brasil. A próxima edição da feira internacional especializada em gêneros alimentícios será realizada em outubro em Colônia, na Alemanha.

>> Animado

Na temporada deste ano no Rio Araguaia, o empresário gráfico Guimar Alves (Piloto) reuniu amigos em acampamento ribeirinho de alto padrão. Ele alugou o Rabo de Arraia e montou estrutura de luxo para receber sua turma, que contou com luxos como massagista na beira do rio, luau com direito a sanfoneiros e duplas sertanejas. Opção de passeio de helicóptero na região e brinquedoteca eram outros serviços disponíveis no rancho.



>> Mercado

O engenheiro Mário Renato Guimarães de Azeredo comemorou os 30 anos de sua empresa em grande estilo. Goiano de Morrinhos, o proprietário da Lajes Santa Inês reuniu amigos em jantar recente na Fieg. No evento, os Correios também lançaram selo alusivo à data, com a logomarca da empresa associada à paisagem turística goiana, projeto que contou com a parceria de indústrias tradicionais goianas. No dia seguinte, o empresário embarcou para o Sul do Brasil para curtir o frio de Canela (RS), ao lado da mulher, Edna, e outros familiares. O fim das férias foi no Rio Araguaia, onde recarregou as baterias para a volta ao batente.

>> SINDIREPA



Associativismo

A convite da Escola Senai Vila Canaã, o presidente do Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa-GO), Ailton Aires Mesquita, proferiu na unidade a palestra A União Como Fator de Multiplicação de Forças. Com participação de empresários e alunos do Senai Goiás (*foto*), Mesquita falou sobre a importância do sindicato no dia a dia das empresas e de seus funcionários, destacando o volume de benefícios oferecidos aos associados, principalmente em função da parceria com Sesi e Senai.

Gestão de resíduos

Antecipando-se aos desafios impostos ao setor pela legislação em vigor desde o final de 2010, o Sindirepa promoveu, em parceria com o Senai Goiás, palestra para debater a Lei Federal 12.305, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos. O evento foi realizado no auditório da Escola Senai Vila Canaã.

>> SIGEGO

Prêmio Aquino Porto

A festa de premiação da sétima edição do Prêmio Aquino Porto de Excelência Gráfica – Criação e Produção será realizada no dia 25 de agosto, numa quinta-feira, às 19 horas, no palco principal do Centro de Eventos da UFG (Câmpus 2), em Goiânia. Foram inscritas quase 500 peças, com participação de 31 empresas, entre gráficas e agências. O prêmio é uma realização do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigego) e da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf-GO).

Impressão digital

Empresários e técnicos do setor gráfico participaram do ciclo de palestras sobre impressão gráfica, realizado no auditório da Escola Senai Vila Canaã pela Digigraf, com apoio da Associação Brasileira de Tecnologia Gráfica (ABTG), do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigego) e da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf-GO).

>> SINVEST

Novos fornecedores

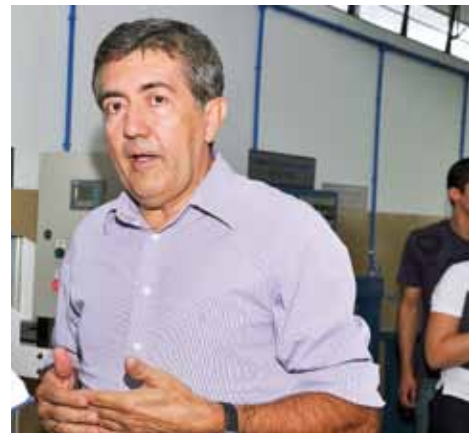
O Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Goiás (Sinvest) iniciou o processo de desenvolvimento de novos fornecedores no setor a partir de um encontro realizado em junho (*foto*) com a Lojas Marisa, representada pelos gerentes, respectivamente, de logística, jurídico e comercial Luciano Antonio Carlos e Elizabeth Maria Vicente. O objetivo é o de fortalecer a cadeia produtiva da indústria do vestuário em Goiás.



» SINDMÓVEIS

Laboratório de ensaios

O presidente do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira em Goiás (Sindmóveis), Manoel Paulino Barbosa (*foto*), participou da entrega pelo Senai do laboratório de ensaios físicos e mecânicos para realização de testes em mobiliário escolar e de empresas, dentro da modalidade de atendimento em serviços técnicos e tecnológicos. Instalado na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, em Goiânia, numa área de 115 m², o novo ambiente recebeu investimento de R\$ 700 mil e foi estruturado para atender a necessidades apontadas pelo setor em Goiás. “O ambiente atende a nossa demanda inicial, mas a expectativa é aumentar cada vez mais sua capacidade para prestar assessoria técnica e garantir o fortalecimento não só da indústria goiana, mas de toda Região Centro-Oeste”, disse Barbosa.



Brasil Móveis

O Sindmóveis, em parceria com o Sebrae Goiás, organizou a participação de um grupo de empresas do setor moveleiro na segunda Feira Brasil Móveis – Feira Internacional, realizada em São Paulo, entre os dias 9 e 12 de agosto. Os empresários tiveram oportunidade de conferir tendências e novidades do setor nas áreas de design e de tecnologia.

» SIFAEG/SIFAÇÚCAR

Ação preventiva

O Plano de Atendimento Mútuo à Emergência (Pame), que promove a capacitação de equipes das usinas do setor sucroenergético para atuar em situações de emergência, foi realizado entre os dias 29 de junho e 1º de julho, com participação de representantes de oito usinas das regiões Sudoeste e Sul de Goiás. Na abertura do evento, em Santa Helena, os sindicatos das indústrias de álcool e açúcar do Estado (Sifaeg/Sifaçúcar) foram representados pelo superintendente José Mauro de Oliveira Ferreira.

» SINDILEITE

Dia Mundial do Leite – 1

O Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás (Sindileite), em parceria com Fundepéc-GO, Faeg, OCB e Centroleite, realizou, em junho, no Palácio Pedro Ludovico, o evento Leite da Manhã, com participação do governador Marconi Perillo, do presidente do sindicato, Ananias Justino Jayme, secretários de Estado e lideranças políticas e empresariais (*foto*). Justino anunciou a doação de 68 mil litros de leite para a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), entidades filantrópicas e para a merenda escolar.



Dia Mundial do Leite – 2

Ainda durante o Leite da Manhã, o governador Marconi Perillo adiantou que o Estado passará a conceder o crédito especial do ICMS para pequenos produtores de leite e retomará o incentivo fiscal para estimular a indústria a investir em campanhas de marketing destinadas a promover o consumo de leite. Na mesma data, foi iniciada a distribuição de 15 mil folders com o mesmo objetivo.

>> SINROUPAS

Goiás Vive Verão

A 11ª edição da mostra Goiás Vive Verão, numa promoção do Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia (Sinroupas), será realizada entre os dias 16 e 20 de agosto, no Jockey Clube de Goiás. No mesmo período, ocorrerá a 1ª Feira Internacional do Jeans (Jeansfashion), com desfiles, seminário e palestras sobre moda, antecipando tendências para a moda 2012 e outras novidades do setor.

>> SINDQUÍMICA

Posse da diretoria

A nova diretoria do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Estado de Goiás (Sindquímica), eleita dia 1º de junho, assumiu no dia 16 de junho a direção da entidade para o triênio 2011-2014. O empresário Eduardo Zuppani, atual presidente, foi substituído por Jaime Canedo e passou a ocupar a vice-presidência.

>> SINDIPÃO

Excelência empresarial

O Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria do Estado de Goiás (Sindipão) apresentou, no dia 1º de junho, o projeto Capacitação e Implantação de Excelência Empresarial no Segmento de Panificação, aprovado no âmbito do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi). Foram detalhados indicadores de desempenho do setor no País e em Goiás.



>> SICMA



Parceria para qualificação

Numa parceria com a Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, o Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) realiza em agosto os cursos Gestão da Construção de Edificações e de Engenharia de Segurança do Trabalho, ambos em nível de pós-graduação. “Dentro dessa parceria com o Senai, temos procurado apontar quais as reais necessidades do nosso segmento, para que os cursos tenham um melhor aproveitamento e possam suprir as necessidades das empresas”, assinalou o presidente do Sicma, Álvaro Otávio Dantas Maia (*ao centro, na foto*). Somente no primeiro semestre deste ano, 11 cursos específicos para a construção civil foram viabilizados pela parceria, com mais de 200 alunos.

>> SINDICER

Eia/Rima do João Leite

O Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicer) apresentou o Relatório de Impacto Ambiental das Atividades de Extração Mineral da Área de Proteção Ambiental (APA) do Ribeirão João Leite. O trabalho começou a ser elaborado em outubro do ano passado, numa exigência da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) e do Ministério Público Estadual, por meio do Centro de Apoio do Meio Ambiente, para que as empresas que operam dentro da APA possam renovar suas licenças de funcionamento. O Eia/Rima foi encaminhado para análise da Semarh e o passo seguinte será a realização de audiências públicas para a discussão do projeto. Na foto, o vice-presidente do Sindicer, Laerte Simão, recebe o estudo e o relatório do diretor da CGR Meio Ambiente, Carlos Gardel.

>> SIAA

Ação global

O presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (Siaa), Wilson de Oliveira, fez um balanço positivo da realização do programa Ação Global, realizado na unidade do Sesi Jaiara. O evento contou com participação de 1,5 mil voluntários e contabilizou mais de 50 mil atendimentos nas áreas de saúde, cidadania, cursos, lazer e também um casamento comunitário com a união de 349 casais. Na foto, Oliveira acompanha o presidente da Fieg, Pedro Alves, o governador Marconi Perillo e o prefeito de Anápolis, Antônio Roberto Gomide.



>> SIVA

Centro de formação

O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi, participou da solenidade de assinatura do Termo de Cooperação Técnica celebrado entre o Senai, o Sesi e a Prefeitura de Anápolis, para funcionamento da unidade de formação profissional instalada no Centro Social Myriam Rezende, em Anápolis.

>> SIMELGO

Feira metal mecânica

A 1ª Feira de Máquinas e Ferramentas da Indústria Metal-Mecânica do Centro-Oeste – Mac&Tools, realizada em julho, em Goiânia, contou com o apoio do Simelgo e dos empresários do setor. O presidente do Simelgo, Orizomar Araújo Siqueira, comentou que a indústria metalúrgica em Goiás vive fase de demanda crescente por equipamentos modernos, com novas tecnologias incorporadas.

>> SINDIFARGO



Meio ambiente

O presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), Marçal Henrique Soares, comemora a criação, em junho, da Comissão de Trabalho sobre Meio Ambiente (foto). Além dessa, já foram instituídas as comissões de Trabalho para Assuntos Regulatórios e de Trabalho para Assuntos de Recursos Humanos, destinadas a dar suporte ao trabalho do sindicato. “Temos já um trabalho muito bom, realizado pelas duas comissões criadas inicialmente e a Comissão do Meio Ambiente, certamente, também terá papel importante, por ser uma área de grande interesse das empresas”, afirmou Soares.

>> SINDUSCON

Patrimônio restaurado

O Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO) e o Instituto Casa Brasil de Cultura (ICBC) entregaram, em junho, as tintas doadas pela Unitintas e pela Coral para a restauração do terceiro imóvel histórico contemplado pelo projeto Viva e Reviva Goiânia, lançado pelas entidades em outubro de 2008. O imóvel está situado na Rua 61 esquina com a Rua 72, em Goiânia. No total foram selecionadas seis edificações inseridas na área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan), na região central da cidade.

Construção Social 2011

Sob a temática Meio Ambiente, será realizado, em 20 de agosto, em todo o País, o Dia Nacional da Construção Social 2011. Em Goiás, com a parceria do Seconci, o Sinduscon-GO promoverá o evento nas dependências do Sesi Aparecida de Goiânia, das 8 às 14 horas, com atividades gratuitas nas áreas de saúde, lazer e ações de cidadania.



**“Para que se resolvam os problemas,
há que se ter velocidade, na decisão e na ação”**

Célio de Oliveira

Presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da Fieg

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA INFRAESTRUTURA

Parte essencial em qualquer engrenagem realizadora, a infraestrutura carrega ao mesmo tempo desafios e oportunidades. Os desafios, que são variados, requerem, para que sejam vencidos, virtudes como a coragem, a competência e a agilidade. Postos e enfrentados os desafios, aí se abrem as oportunidades para a indústria e de modo especial para a engenharia.

É este um conceito bem atual, num país carente de realizações básicas e ainda preso a um processo de belicosa convivência nos arraiais decisórios da política.

A luta de quem trabalha é também pela mudança de conceitos. Na fase em que o País e Goiás se encontram, há que se estabelecer novos paradigmas. É uma questão natural. É tempo da proatividade. Todos ligados por esse pensamento positivo – eis o chamamento no atual estágio na vida dos brasileiros, em favor do integral aproveitamento da oportunidade histórica que hoje temos nas mãos.

Mas, dentro da realidade e numa visão mais objetiva do cenário que nos cerca, temos aí os desafios das rodovias – umas a serem reconstruídas, outras a serem duplicadas –, o caos do Aeroporto Santa Genoveva e alguns complexos problemas de mobilidade. Para a engenharia, a oportunidade de fazer. E temos empresas com toda a competência para tomar a empreitada pela frente.

Para que se resolvam os problemas, há que se ter velocidade, na decisão e na ação. Aí depende de cada um de nós. Da parte do governo estadual, tenho comigo um sentimento de otimismo, pela agilidade com que as ações foram delineadas. Agora, é esperar pela velocidade na realização.

Felizmente, há no governo gente competente para levar planos e projetos ao patamar da realização concreta.

No plano federal, onde os desafios são ainda maiores, vê-se a presidente Dilma Rousseff apurando o pulso para a construção de um país de mais igualdade, a partir de uma política de justa e criteriosa aplicação dos recursos que o Estado arrecada junto à sociedade.

A proximidade da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos impacta o modelo realizador do governo, o que vai levar à superação de situações hoje desafiadoras e com isso, como disse no começo, gerando boas oportunidades para a engenharia nacional.

Como em Goiás, esta segunda parte do ano será propícia, no plano federal, para o ataque às obras, depois da reorganização administrativa em que se empenham o governador do Estado e a presidente da República. A expectativa é que se venha aspirar agora novos ares, num processo de ação para conquistas merecidas pela população e no exercício efetivo do que está na alçada do poder público. As notícias ruins não de ficar para trás.

O que não se pode mais é perder tempo, para a satisfação das justas aspirações do contribuinte que, pagador de impostos, tem o sagrado direito de dispor de um transporte melhor, em estradas sem buracos, e efetivamente seguras.

Assim, se a infraestrutura carrega desafios, mas também traz oportunidades, que sejam aqueles equacionados no menor espaço de tempo possível, já que estas, tendo chegado, não podem ser perdidas jamais. Mesmo assim, há que se confiar no melhor. O País precisa. E nosso povo merece.



Programa de
Desenvolvimento
Associativo

Sindicato forte, indústria fortalecida

O PDA visa desenvolver os Sindicatos e fortalecer sua atuação na defesa de interesses da indústria por meio dos projetos:

- **CAPACITAÇÃO DE LIDERANÇAS SINDICAIS**
- **SIGA – SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DA ARRECADAÇÃO**
- **PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO**
- **ASSESSORIA JURÍDICA**
- **PORTFÓLIO DOS SINDICATOS**
- **CLUBE INDÚSTRIA DE BENEFÍCIOS**



Conheça este e outros serviços que o PDA pode oferecer ao seu sindicato.

Acesse www.sistemafieg.org.br/pda/





A indústria gráfica cuida bem da primeira à última impressão. Capacite-se no SENAI para garantir boas impressões.

Para a indústria gráfica, o SENAI oferece capacitação profissional em todos os níveis, da iniciação profissional à aprendizagem, do técnico à pós-graduação e, ainda, presta assessoria técnica e tecnológica voltada ao desenvolvimento e à inovação de processos produtivos do segmento.

Com isso, a indústria gráfica ganha uma equipe mais motivada e melhor preparada, o design como diferencial estratégico e a absorção de novas tecnologias como característica fundamental para o aumento da produtividade dos colaboradores e das empresas.

Informações: 0800 642 1313 / www.senaigo.com.br